

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

LEILA MIRANDA PEREIRA

**CONTROLE MENTAL OU MENTE CONTROLADA?
A ESPIRITUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
COMO PROTEÇÃO AOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS**

São Leopoldo

2020

LEILA MIRANDA PEREIRA

**CONTROLE MENTAL OU MENTE CONTROLADA?
A ESPIRITUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
COMO PROTEÇÃO AOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Educação comunitária
com infância e juventude

Orientador: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436c Pereira, Leila Miranda

Controle mental ou mente controlada? : a espiritualidade no desenvolvimento da inteligência emocional como proteção aos comportamentos aditivos / Leila Miranda Pereira ; orientadora Gisela Isolde Waechter Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2020.

79 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2020.

1. Comportamento compulsivo. 2. Espiritualidade. 3. Inteligência emocional. 4. Resiliência (Traço da personalidade). I. Streck, Gisela I. W. (Gisela Isolde Waechter), orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LEILA MIRANDA PEREIRA

CONTROLE MENTAL OU MENTE CONTROLADA?

A espiritualidade no desenvolvimento da inteligência emocional como
proteção aos comportamentos aditivos

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Educação comunitária
com infância e juventude

Data de Aprovação: 24 de junho de 2020.

Prof.^a Dr.^a Gisela Isolde Waechter Streck (Presidente)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Júlio César Adam (EST)
Participação por webconferência

Prof.^a Dr.^a Kátia Andrade Biehl (ISEI)
Participação por webconferência

*A todos aqueles que almejam pela mente
de Cristo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu pai e Senhor por me ensinar e fazer experimentar na prática que Seus pensamentos não são como os meus e me lembrar sempre que:

“Eu não ajo como vocês!” Is:55.8

Agradeço a Max, pela compreensão e amor em todas as vezes que te pedi: “Faça silêncio, mamãe precisa ler”. Meu muito obrigada, filho, eu amo você!

Louvo a Deus pela minha família, minha mãe, minha irmã Débora e meu irmão Tiago neste desafio de dois anos de mestrado vencidos e por todo amor que só vocês me têm.

Agradeço à querida Gisela Streck, por ser orientadora, acolhedora e carinhosa professora que tanto admiro.

A todos que, de alguma forma, acreditaram e me motivaram nessa etapa tão especial.

E gratidão a mim mesma.

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto”. Isaias: 41.20

RESUMO

O mundo moderno é responsável por uma multidão de pessoas ansiosas, inseguras e condenadas a diversos tipos de comportamentos viciantes. Quando pensamos os comportamentos aditivos, a ideia remete automaticamente a pessoas que fazem o uso de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas, no entanto vício se constitui todo comportamento ou hábito recorrente e excessivo que leva o indivíduo a ser escravo de si mesmo. Essa pesquisa apresenta a espiritualidade/fé e a gestão dos pensamentos e emoções como aporte de enfrentamento e resiliência diante do perigoso comportamento da atual geração quando, na incapacidade de lidar com conflitos, lançam-se sobre pensamentos destrutivos, consumo de álcool e drogas e dominados por smartphones, redes sociais, jogos, pornografia, consumo, tornam-se pessoas isoladas, inseguras e suscetíveis a todo tipo de transtorno de ordem psicológica e emocional. Acresce-se ainda afirmar que o modelo cristão de espiritualidade na figura de Jesus Cristo, com base na Bíblia Sagrada, constitui-se ideal de comportamento resiliente e equilíbrio emocional para o êxito do desenvolvimento da personalidade fortalecida, principalmente contra comportamentos aditivos.

Palavras-chave: Espiritualidade. Religiosidade. Comportamentos aditivos. Inteligência emocional. Fé. Espiritualidade cristã.

ABSTRACT

The modern world is responsible for a multitude of anxious and insecure people and who are condemned to various types of addictive behavior. When we think of addictive behaviors, the idea automatically refers to people who make use of legal or illegal psychoactive substances, however addiction is any recurring and excessive behavior or habit that leads the individual to be a slave to him or herself. This research presents spirituality / faith and the management of thoughts and emotions as a means of coping and resilience in the face of the dangerous behavior of the current generation when, incapable of dealing with conflicts, they throw themselves into destructive thoughts, alcohol and drug consumption and dominated through smartphones, social networks, games, pornography, consumption, they become isolated people, insecure and susceptible to all kinds of psychological and emotional disorders. In addition, the Christian model of spirituality in the figure of Jesus Christ, based on the Holy Bible, is an ideal of resilient behavior and emotional balance for the successful development of a strengthened personality, especially against addictive behaviors.

Keywords: Spirituality. Religiosity. Addictive behaviors. Emotional Intelligence. Faith. Christian spirituality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE	21
2.1 Definição de espiritualidade e religiosidade	21
2.2 O Cristo da espiritualidade cristã.....	27
2.4 Entre espiritualidade e inteligência emocional	32
3 COMPORTAMENTOS ADITIVOS e dependências	39
3.1 Aspectos para compreensão das adicções	40
3.2 Tipos de comportamentos aditivos.....	46
3.2.1 <i>Dependência química</i>	46
3.2.2 <i>Jogos e internet</i>	48
3.2.3 <i>Pornografia na internet</i>	52
3.3 Controle mental ou mente controlada?	55
4 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ COMO MECANISMO PARA VENCER COMPORTAMENTOS ADITIVOS	61
4.1 Fé como mecanismo de ajuda para vencer o comportamento aditivo	61
4.2 Espiritualidade cristã no desenvolvimento psicossocial.....	65
5 CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

Grande parte dos indivíduos possui algum tipo de hábito repetitivo que degenera ou causa um prejuízo a si mesmo e aos que com ele convivem. A sociedade atual, grande propagadora da liberdade, é imediatista em todos os aspectos e jovens tem sido os mais prejudicados com o prazer instantâneo e alienado. As drogas existentes não são apenas químicas.

Quando educadores, educadoras, pais e mães se deparam com uma juventude saturada pela televisão, internet, redes sociais, entre outros, envoltos num hedonismo sem precedentes que disputam sua atenção, torna-se relevante abordar qual o papel da espiritualidade e a gestão das emoções no processo educativo de forma a possibilitar o desenvolvimento saudável da personalidade, rompendo as prisões mentais que provocam tantos comportamentos aditivos. Na corrida pela liberdade e autonomia mental e comportamental o ser humano galgou muitos degraus de conquista social e satisfação pessoal, contudo o acesso ao entretenimento desenfreado tem dado origem a uma geração acelerada, ansiosa e viciada.

Essa pesquisa surgiu de uma inquietação pessoal ao observar jovens deprimidos, isolados e com ausência de equilíbrio emocional para lidar com assuntos rotineiros concernente à vida pessoal, escolar e profissional, tendo em vista que faço parte da equipe pedagógica do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Baiano e lido diariamente com esse público. Outro público bem diferente desse, mas que também despertou a observação foi a comunidade evangélica em geral, desde adolescentes a idosos que, embora compromissados com uma vida religiosa, revelam-se pessoas desprovidas de equilíbrio emocional, psicológico e espiritual, ou muitas vezes não sabem lançar mão da própria espiritualidade/religiosidade para beneficiar-se de uma vida rica e saudável espiritualmente, em um ambiente bem peculiar: a instituição religiosa.

Nesse horizonte, investiga-se porque a atual geração com acesso a variadas informações e tecnologias se comporta como indivíduos isolados, carentes e com transtornos emocionais. Busca compreender como pais, mães e docentes podem, através da espiritualidade, ajudar na orientação e no desenvolvimento da

personalidade fortalecida contra os vícios em pensamentos negativos e suicidas, drogas, jogos, pornografia, consumo, etc. Explora porque o ser humano tem uma propensão a comportamentos destrutivos, desvios de caráter e compulsão e de que forma a automotivação, o autoconhecimento emocional e a inteligência espiritual podem contribuir para que o indivíduo administre seus próprios pensamentos usando-os ao seu favor, sendo capaz de relacionar-se de forma saudável e fazer escolhas conscientes para o próprio crescimento biológico, psicológico, emocional, social e espiritual. Assim, a questão central dessa pesquisa é: Como a fé somada ao controle das emoções e a espiritualidade podem influenciar no desenvolvimento da inteligência emocional do indivíduo, proporcionando proteção a comportamentos aditivos em geral?

Os estudos sobre as emoções têm circundado as diversas áreas das ciências sociais e biológicas e na área da psicologia e psiquiatria tem sido encarado como elemento fundamental na vida e nas experiências humanas; tem resultado no tema, agora em vigor, em quase todas as áreas do conhecimento: o controle dos pensamentos e a gestão das emoções como importante habilidade para o bem estar pessoal e social do indivíduo.

Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada. À medida que, ao longo da evolução humana, situações desse tipo foram se repetindo, a importância do repertório emocional utilizado para garantir a sobrevivência da nossa espécie foi atestada pelo fato de esse repertório ter ficado gravado no sistema nervoso humano como inclinações inatas e automáticas do coração.¹

A partir disso, podemos inferir a influência da emoção para formação da personalidade e suas relações com a espiritualidade na promoção dos fatores de proteção contra os comportamentos aditivos, tanto em situações traumáticas, quanto na prevenção dos mesmos; salientamos que nos últimos oitenta anos de pesquisa sobre a inteligência², tem havido lentas mudanças na visão científica distorcida de

¹ GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional** [recurso eletrônico] / tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro:Objetiva, 2011. p.32.

² GOLEMAN, 2011, p. 71

que a atividade mental é desprovida de emoções. Aos poucos a psicologia começa a reconhecer o papel essencial do sentimento no pensamento.

No passado iluminista, quando a razão era reverenciada em todas as áreas do conhecimento, Freud³ descobriu que o indivíduo não era dominado pela razão e foi de encontro ao pensamento da maioria dos intelectuais de sua época, defendeu que o ser humano é dirigido por forças emocionais poderosas que nascem do inconsciente. O fio condutor dessa pesquisa revisa as habilidades humanas e a capacidade de agirmos com inteligência emocional e espiritual usando o potencial interior para pensamentos, decisões e relacionamentos positivos.

Este relato de pesquisa está estruturado em três capítulos. O primeiro é uma investida em estabelecer semelhanças e diferenças entre a espiritualidade e a religiosidade, cujo referencial teórico apoiado em MacGrath, Murad, Kivitz e Boff, reúnem pensamentos norteadores para assimilação de ambos os termos. Além disso, considerando nomes como Gardner, Goleman e LeDoux, importantes pesquisadores e especialistas na área da inteligência emocional e gestão dos pensamentos, discutiremos nessa senda para abrirmos nossos horizontes sobre os mistérios que envolvem a “mente emocional”⁴. O segundo capítulo expõe descrições conceituais dos comportamentos aditivos, cita diferentes tipos de vícios e sua relação ou desdobramentos em indivíduos que, por alguma razão, não cultivam/desenvolveram sua espiritualidade e/ou inteligência emocional/espiritual, baseado nas reflexões de vários autores entre os quais se destacam Freud, Kuss e Winnicott.

Por fim o último capítulo apresenta a concepção de religiosidade saudável, por meio da afiliação religiosa, como indicador de desenvolvimento psicológico positivo, ademais um possível mecanismo de proteção a comportamentos aditivos. A proposta do capítulo é abordar a espiritualidade cristã como referência de conduta para jovens e adolescentes vivendo numa sociedade com padrões desconexos de referência familiar, educacional e espiritual. Finalmente foi apresentada a concepção do cuidado cristocêntrico, da espiritualidade cristocêntrica, não apenas com intuito de denominar-se pessoa cristã, ou indivíduo frequentador eclesial, mas, sobretudo a vivência de uma espiritualidade cujo alvo seja assemelhar-se a Cristo.

³ GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p.22.

⁴ GOLEMAN, 2011, p. 10.

2 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE

Aparentemente para tudo que se pretende estudar há critérios e padrões para a investigação. A medicina responde sobre a biologia corporal, a psicologia foca no comportamento humano e seus processos mentais, as leis regulam a vida em sociedade, a ciência se propõe explicar a maioria das áreas e sendo a filosofia o conhecimento sem uma finalidade, tem em seu propósito questionar. Nessa premissa está a teologia e a misteriosa dimensão espiritual do ser humano, e a pergunta acerca de qual gnose para explicá-la.

2.1 Definição de espiritualidade e religiosidade

Se já estão estabelecidos parâmetros para todo e qualquer estudo, como entender a espiritualidade se não é possível indicar medidas nem muito menos apreendê-la em gráficos ou esboços? Discorrer sobre espiritualidade logo remete à ligação humana com seu íntimo e algo fora de si ou entrelaçado consigo mesmo, de tal forma que não coubesse explicação alguma que não fosse compreendida, senão sentida. Aqui se depara com o *numinoso*, termo proposto por Rudolf Otto, em sua obra *O Sagrado*, para apreender aspectos considerados divinos.⁵

Rudolf Otto ignora o conceito teológico para dizer que Deus não cabe em conceitos, pois é irracional e ao falar da força da espiritualidade relacionada à fé salvadora, ao amor e à confiança, discorre sobre o poder que esse fenômeno provoca ao ponto de confundir os sentidos.⁶ Alister MacGrath define espiritualidade como a vida da fé, “[...] aquilo que impulsiona e motiva, e o que as pessoas consideram útil para sustenta-la e desenvolvê-la.”⁷

Se for possível distinguir religiosidade e espiritualidade, aparentemente há um consenso sobre a impossibilidade da experiência de uma desvincilhada da outra. Bem como separar cultura da religiosidade como observa Gibellini: "O âmbito religioso e o âmbito secular não podem ser separados, pois a religião não é um

⁵ OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007. p.37

⁶ OTTO, 2007, p.44

⁷ MCGRATH, Alister E. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. Tradução William Lane; São Paulo: Editora Vida, 2008.p.20

âmbito, uma região particular, mas a dimensão da profundidade da experiência humana”.⁸ Frei Betto diz:

Portanto, não existe vida espiritual separada da material, não existe um espírito que pode se deslocar da matéria, não existe um espírito dentro do nosso corpo material. O que existe é simultaneamente matéria que é puro espírito. Ou, em outras palavras, você que anda, ri, chora e dorme, não passa de espírito condensado, de energia condensada⁹.

Não raro parece estar estabelecido que sempre que se propuser a discorrer sobre ambos os temas, mergulha-se numa série de conceitos sob diversas perspectivas cuja finalidade é recorrente para encontrar uma resposta do fenômeno que pragmaticamente é mais substancial que a teoria.

Afonso Murad assegura que “[...] o termo ‘espiritualidade’ traduz tanto o caminho existencial de evolução espiritual de uma pessoa quanto a dimensão mística da fé e da religião”¹⁰. Murad define a espiritualidade do ponto de vista da fé “[...] como a seiva que circula o interior da árvore. As pessoas não a veem, mas ela garante a vida e a fecundidade”.¹¹

Frei Beto fala da espiritualidade como beleza, atraente e sedutora, passível de incessante contemplação, que se constitui a base e a motivação da vida interior, subjetiva¹². Faz lembrar do apóstolo Paulo em sua carta aos Gálatas: 5 1: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou”¹³, no qual é possível perceber que há escravidão quando a religião oprime através de parâmetros friamente humanos. Porque quando se trata de espiritualidade, com padrões institucionalizados pela religião, logo surge a visão de organização, ou símbolo, ou objeto com significado sagrado ou mesmo rito repressor no qual se apoia para trazer concretude à subjetividade que há dentro do ser humano e junto com essa subjetividade surge o sentimento religioso de um Deus que está tão distante e castiga os seres humanos. Murad sustenta que “[...] a espiritualidade tornar-se-á algo importante à medida que as pessoas e as

⁸ GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.p.86.

⁹ BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. 2014.p.183

¹⁰ MURAD, Afonso. **Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 126.

¹¹ MURAD, Afonso. 2012. p.129.

¹² BETTO Frei. **Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual**. São Paulo: Paralela, 2013. p. 18.

¹³ A BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes Editora Ltda. 1 Edição Autorizada: 2012. p. 2272.

instituições superarem a cultura da aparência e da exterioridade [...]”; e acrescenta que “[...] as pessoas e as organizações devem estar atentas e vigilantes, a fim de que as coisas urgentes não tomem o lugar das importantes, e os mecanismos de eficácia não se sobreponham aos valores”.¹⁴

Frei Betto fala do amor na busca espiritual pelo Transcendente: “Essa apreensão amorosa do Transcendente faz desaparecer a ideia de um Ser castigador e repressor. O temor abre espaço ao amor. Deus passa a ser apreendido, como dizia papa João Paulo I, ‘[...] mais Mãe do que como Pai’”.¹⁵Aqui a espiritualidade é a consciência no âmago humano quando compreende quem é individualmente e diante do Eterno e nos sentimentos em contato com Ele, sem dor, culpa, acusação ou peso.

A linguística e a semântica entendem que definir é o mesmo que atribuir significado e semelhança a uma palavra e que pode, dependendo do contexto, ser usada em substituição sem alterar o significado da sentença. No entanto, as definições que os dicionários apresentam para espiritualidade são unânimes quanto ao aspecto de ser a característica do que é espiritual, que torna evidente sua antinomia relacionada à matéria.

É sinônimo de elevação, sublimidade, transcendência, misticismo, incorpóreo. René Kivitz aborda a espiritualidade na pós-modernidade caracterizada pela subjetividade individual cujo fator determinante é a liberdade de escolha e expressão favorecida pela desinstitucionalização religiosa¹⁶. Assim, trata-se de um sentimento pessoal, legítimo e concreto. Rodrigo Portella diz ser um sentimento subjetivo e que não necessariamente conforma com o exterior ou um padrão tradicional, mas sim como experiência vivida e que por se tratar de um conhecimento adquirido pela vivência, possui valor real¹⁷.

Em contrapartida, religião refere-se a um sistema de crenças, princípios, costumes, normas e todo o conjunto que em consenso coletivo se estabelece em leis de confiança, conduta e relação com o transcendente que direciona ou circunscreve o credo comunitário para uma divindade, conceito ou ideia. Boff afirma:

¹⁴ MURAD, 2012.129.

¹⁵ BETTO, 2013, p.22.

¹⁶ KIVITZ Ed René. **Outra espiritualidade: fé, graça e resistência**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.p,.69

¹⁷ MAGALHÃES, Antônio; PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do sagrado**. Reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2008. p.52

“As pessoas verdadeiramente religiosas, mais do que um saber sacerdotal sobre Deus, possuem um saber místico, quer dizer, experimental, urdido de encontros com a divindade.”¹⁸

Vale inferir Clifford Geertz, ao declarar que a religião é poderosa por causa do rito:

[...] a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade. Todavia, ela também não é investigada e, em termos empíricos, sabemos muito pouco sobre como é realizado esse milagre particular. Sabemos apenas que ele é realizado anualmente, semanalmente, diariamente e, para algumas pessoas, até a cada hora...¹⁹

Em verdade, religião, religiosidade por alusão, diz respeito à prática cotidiana que aponta para um mundo além do humano, um mundo místico e elevado. Munido do conceito de que o ser humano caracteriza-se por ser corpo, psíquico e espírito, Roberlei Panasiewicz declara que “[...] enquanto corpo e psíquico elucidam a experiência de finitude humana, o espírito aponta para a experiência de infinitude, do que está para além das sensações materiais.”²⁰ Rubem Alves questiona sobre o mistério que circunda a religião e um ponto importante de sua indagação faz entender que para todas as dúvidas não pode haver respostas unívocas, pois trata-se de fenômenos humanos com variadas esferas de interpretação, pois o cerne da questão é a busca pelo sentido da existência humana. Nesse sentido o autor conduz sua análise acerca da consciência religiosa como expressão da imaginação e, por isso, o ser humano transforma a vida real em um universo simbólico com o intuito de atribuir sentido para sua existência²¹.

Na opinião de Ed René Kivitz, há uma promoção do sectarismo e da intolerância quando as pessoas discutem religião. O autor assinala para a diferença entre religião e espiritualidade: “A religião está baseada nos ritos, dogmas e credos,

¹⁸ BETTO. 2013.p.58

¹⁹ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. ed. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p.67.

²⁰ PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. **Revista Pistis Praxis**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 587-611, out. 2013. p. 592

²¹ ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papirus, 2007. p.37

tabus e códigos morais de cada tradição de fé. A espiritualidade está fundamentada nos conteúdos universais de todas e cada uma das tradições de fé”.²²

O fenômeno religioso é relativo ao desejo, de acordo Vergote e Gandelman; assim, o indivíduo, tendo consciência de que é finito e limitado, deseja superação através de experiência em que é possível celebrar e gozar. A religiosidade se apresenta por seu aspecto fenomenológico de busca do ser humano por respostas às perguntas existenciais com o objetivo de dar sentido a própria vida²³. Igualmente Reblin assegura: “[...] a antropologia e a psicologia da religião afirmam que o ser humano é, em sua essência, um ser religioso. A resposta da psicanálise é que essa religiosidade está vinculada ao desejo”²⁴. Desejo refere-se à fenomenologia da experiência, pois é ela quem dá sustentação entre a teoria e a prática. De acordo com frei Beto:

Ocorre que o ser humano é vocacionado à transcendência. Ele é o único ser da natureza que não se basta. Seu desejo não faz concessão: almeja a comunhão com o Transcendente, ainda que tateando por atalhos que iludem os sentidos e confundem a razão: posses, status, poder etc.²⁵

Nota-se, pois, a tendência humana na busca pelo transcendente que está intimamente ligada à sua natureza. O que é possível mostrar aqui, no entanto, é que nem sempre fenômenos religiosos traduzem a essência do secreto espiritual e que conceituar espiritualidade permite uma discussão mais ampla. Pedro Casaldáliga aponta para o problema como se lida com as palavras e que os conceitos de espírito e espiritualidade originalmente provêm da cultura grega que atribui o espiritual oposto ao material. Todavia, descrever espiritualidade está na amplitude macroecumênica em que o autor situa o termo, referindo-se à motivação de vida e vontade sendo boa ou má independente de coincidir ou não com a interpretação que se dá ao termo, inclusive de possuir ou não espiritualidade, rejeitar ou não a espiritualidade²⁶. Trata-se da convicção pessoal, daquilo que estimula o indivíduo,

²² KIVITZ, Ed René. **No Brasil, futebol é religião**. Disponível em: <<https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/no-brasil-futebol-e-religiao.html>> Acesso em 02 ago. 2019.

²³ MELO, Cynthia de Freitas et al. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, jul. 2015, p. 451. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/epp.2015.17650>> Acesso em 02 ago.2019.

²⁴ REBLIN, Iuri Andréas. 'Para o alto e avante!': mito, religiosidade e necessidade de transcendência na construção dos super-heróis. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 7, 2005, p.45.

²⁵ BETTO Frei.2013. p. 47.

²⁶ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José María. **Espiritualidade da libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. (Teologia da libertação Série III A libertação na história 9), p.24.

ou seja, aquilo em que crê ou deixa de acreditar, o transporta automaticamente para sua espiritualidade individual.

Casaldáliga anuncia que no mistério do enfrentamento da própria existência, cada um e cada uma tem que optar por certos valores que deem arcabouço a sua vida, isso é a profundidade humana e antes de qualquer dogma, confissão, pertença ou rito, o ser humano é uma pessoa e ser pessoa é ser profundo. Assim, não parece ser possível alguém deixar de ser religioso sem abrir mão da profundidade de sua própria humanidade.²⁷

Sheila Linn traz importante contribuição quando relata sua experiência sobre abuso espiritual e vício religioso afirmando que na mesma intensidade em que uma pessoa usa álcool ou drogas para fuga da realidade interior desfavorecida de plenitude, “[...] o vício religioso tenta controlar uma realidade interior penosa através de um rígido sistema de crença religiosa”²⁸. Kivitz é enfático em sua opinião e nesse sentido afirma: “O mundo religioso é mestre em fazer a cabeça dos outros. Por isso cada vez mais me convenço que o Cristianismo implica a superação da religião.”²⁹ O autor afirma dedicar-se pois, a pensar mais nas categorias da espiritualidade do que nas categorias da religião. Por outro lado, Leonardo Boff sustenta que Deus existe na ação justa e na relação amorosa para com os outros³⁰. Pode-se inferir que quando falta o ingrediente do amor na expansão espiritual de um indivíduo, o resultado é “religiosos” usurpados de sua liberdade e exercício de fé subjetiva.

No cristianismo poderia ser expresso naquilo que fala o apóstolo Paulo: “Assim já não sou eu quem vive, mas Cristo é quem vive em mim. E esta vida que vivo agora, eu a vivo pela fé no Filho de Deus” Gálatas: 2.20³¹. Nesse caso, Paulo não estava se referindo a fenômeno religioso, nem religiosidade, mas sim a motivação interior e inspiração em Cristo de tal forma que o apóstolo foi capaz de simbioticamente declarar sua existência física e psicoespiritual no Transcendente que gerava vida pessoal, quer dizer, o sentido para além da vida biológica.

²⁷ CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p.27

²⁸ LINN, Matthew. **Abuso espiritual & vício religioso**. Campinas, SP: Verus, 2000. p. 20.

²⁹ KIVITZ, Ed René. **No Brasil, futebol é religião**. Disponível em: <<https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/no-brasil-futebol-e-religiao.html>> Acesso em 02 ago. 2019.

³⁰ BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.p.60

³¹ A BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes Editora Ltda. 1 Edição Autorizada: 2012. p. 2267.

2.2 O Cristo da espiritualidade cristã

Quando se trata de espiritualidade cristã todos os holofotes se voltam para a pessoa que representa todo fundamento cristão: o Cristo da cruz. Jesus de Nazaré, o Galileu, filho de Davi, entre tantos outros nomes e títulos que lhe são atribuídos só resumem o Deus encarnado que abdicou do seu reinado, para tornar-se um servo e cumprir todas as vontades do Pai em submissão e amor, lembrando que sua história, longe de ser mito, possui evidências inquestionáveis.

De acordo McGrath a definição básica é: “Espiritualidade cristã refere-se à busca por uma existência cristã autêntica e satisfatória, envolvendo a união das ideias fundamentais do cristianismo com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito da fé cristã.”³² Murad diz que “[...] a espiritualidade cristã é o jeito próprio de viver o seguimento de Jesus; a vivência da fé que motiva as ações e alimenta as convicções”³³. Para Murad “[...] a mística cristã contemporânea alimenta-se, sobretudo, da leitura orante da Palavra de Deus. Não se trata de reflexão, mas de escuta atenta, envolvendo a mente, o coração e a imaginação”³⁴.

A espiritualidade cristã pode ser compreendida como extensão do amor de Cristo como regra de fé e conduta para quem o aceita e o reconhece como Salvador e Senhor, cuja vida, esvaída na cruz, mas ressuscitado ao terceiro dia, inspira seus seguidores a viver em amor. Essa é a premissa: “No Cristianismo, a espiritualidade significa viver o encontro com Jesus Cristo”³⁵.

Murad comenta que a visão da espiritualidade cristã a partir da raiz da palavra “espírito” tem dois sentidos complementares: “Compreendido a partir de Deus, o Espírito (maiúsculo) é o próprio amor que circula na Comunidade Divina, que denominamos ‘Trindade’³⁶ [...] no segundo sentido, espírito, em minúsculo, alude a uma dimensão do ser humano [...] criado pelo Senhor do sopro de Vida de Deus”³⁷, de acordo o relato de Gênesis: 2.7.

Na espiritualidade cristã a fé é a sua base, a fé em Jesus não como um líder comum religioso, cuja vida inspira fazer o bem, mas deposita-se a fé no Cristo que realizou a obra salvífica por intermédio da cruz, ou seja, um evento concreto de

³² MCGRATH.2008. p.37

³³ MURAD. 2012. p.127

³⁴ MURAD. 2012. p. 131

³⁵ MCGRATH. 2008.p.21

³⁶ MURAD. 2012. p.157

³⁷ MURAD. 2012. p.159

morte para promulgação de salvação a toda a humanidade, conforme 1 Co: 2.2: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado”³⁸.

Boff discorre quando da morte de Cristo, ao entrar totalmente como Deus na realidade humana, pois se humanizou no judeu Jesus de Nazaré e não escolheu se encarnar numa figura ilustre como o imperador romano César, mas sim escolheu ser um excluído, marginalizado e crucificado³⁹. Mas o que se pretende aqui é refletir em que difere a espiritualidade cristã das demais. Casaldáliga alega que olhando as coisas sob uma luz normal, a espiritualidade cristã é apenas mais uma entre outras espiritualidades existentes, mas se a observar com a luz da fé cristã, descobrir-se-á um algo mais, novo e peculiar.⁴⁰

Na passagem de Mateus 17.1-13, que relata o momento da transfiguração do Senhor Jesus, os discípulos ficaram com medo e prostrando-se estremeceram diante da voz do próprio Deus que dizia ser Jesus o seu Filho amado no qual tinha prazer. Frei Betto faz uma consideração curiosa sobre como Mateus encerra seu relato: “Erguendo os olhos, não viram ninguém, Jesus estava sozinho, [...] mas viram alguém: Jesus. Ali estava a face visível de Deus, o verbo feito carne.”⁴¹ Aqui talvez esteja o ‘algo a mais’ da espiritualidade cristã, que a difere das demais espiritualidades, quando na revelação mais próxima ao ser humano Deus se fez entre as pessoas, o Verbo Vivo em carne e sangue. De acordo C. S. Lewis o cristianismo só faz sentido para quem deseja realmente compreender:

Quando você sabe que está doente, dá ouvidos ao médico. Quando perceber que nossa situação é crítica, começará a entender a respeito do que os cristãos estão falando. Eles nos oferecem uma explicação de por que nos encontramos em nosso estado atual, de odiar o bem e também de amá-lo; de por que Deus pode ser essa mente impessoal oculta por trás da Lei Moral e, ao mesmo tempo, uma Pessoa. Explicam que as exigências dessa lei, que nem eu nem você conseguimos cumprir, foram cumpridas por Alguém, para o nosso bem; que Deus mesmo se fez homem para salvar os homens de sua própria ira.⁴²

Trata-se na crença centrada na encarnação do Transcendente em mortal que se humanizou por amor, cuja base documental é a Escritura Bíblica que exprime

³⁸ A BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes Editora Ltda. 1 Edição Autorizada: 2012. p. 2197

³⁹ BETTO. 2013.p.60

⁴⁰ CASALDÁLIGA; VIGIL. 1993. p.28

⁴¹ BETTO. 2013.p.19

⁴² LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**. Martins Fontes. São Paulo. 2005.p.28

espiritualidade pela experiência espiritual desde o Antigo ao Novo Testamento. Assim, Danilo Mondoni atesta ter a Palavra de Deus a autoconsciência de ser produtora de espiritualidade, de existência, de interioridade. Ela se apresenta como texto espiritual, gerador e guia da experiência espiritual.⁴³ Do mesmo modo McGrath diz: “[...] a Bíblia é reconhecida por todos os cristãos como fundamental para a vida e o pensamento cristão.”⁴⁴

Deste modo, a vida espiritual no cristianismo não parte de uma concepção sobre Deus, mas da fé. Deus não é objeto de uma convicção racional: é conhecido no fato interpessoal de sua revelação.⁴⁵ Sua revelação ao ser humano não é uma ideia, mas sim um fato. Lee Strobel, ex-editor do *The Chicago Tribune* e autor do best seller *The case for Christ: a journalist's personal investigation of the evidence for Jesus*, relata sua conversão do ateísmo ao cristianismo e durante os últimos vinte e cinco anos tem se dedicado a compartilhar as evidências das verdades do cristianismo, resultantes de sua pesquisa de dois anos na Bíblia e consultando pessoas teólogas, estudiosas e especialistas. Ao questionar Edwin M. Yamauchi, especialista em história antiga, acerca da confiabilidade histórica dos evangelhos, relata:

Temos também vários volumes de escritos dos ‘pais apostólicos’, autores dos primeiros livros cristãos posteriores ao Novo Testamento. São deles a epístola de Clemente de Roma, as epístolas de Inácio, de Policarpo, de Barnabé, e outros. Em muitas passagens, esses documentos confirmam os fatos básicos acerca de Cristo, principalmente seus ensinamentos, a crucificação, a ressurreição e a natureza divina de Cristo.⁴⁶

Considerando ser a fé em Cristo, pois, o fundamento da espiritualidade cristã, Earle Cairns escreve sobre a importância de atentar-se para o fato de sua existência histórica, mesmo que muitos a negam. Felizmente, porém, há evidências extra bíblicas que provam a existência de Cristo⁴⁷, a saber: testemunhos de Tácito (c. 60-c.120), de Plínio (62-c 113), o testemunho do judeu Josefo (37-100), que não era amigo do cristianismo, e sua menção de Cristo, que tem grande valor histórico⁴⁸. As evidências do Cristo ressurreto são reais, sendo essa a característica diferenciadora

⁴³ MONDONI, Danilo. **Teologia da espiritualidade cristã**. São Paulo: Loyola, 2000. p.22.

⁴⁴ MCGRATH. 2008.p.149

⁴⁵ MONDONI. 2000. p.82

⁴⁶ STROBEL, Lee, **Em defesa de Cristo**: um jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo. São Paulo: Editora Vida, 2001. p.97

⁴⁷ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 2 ed.São Paulo: Vida Nova, 1995. p.37

⁴⁸ CAIRNS. 1995.p.38

na espiritualidade cristã. Lewis garante ser o cristianismo uma religião aguerrida, pois para a pessoa cristã Deus criou o mundo, “[...] tirou de sua cabeça, o espaço, e o tempo [...], como um homem que cria uma história”.⁴⁹

Vale ressaltar uma questão significativa relacionada à espiritualidade cristã no que diz respeito à visualização do Deus invisível, e que durante toda história humana gera diferentes posicionamentos sobre a sacralização ou não de coisas e pessoas com objetivo de aproximação do Transcendente. Em seus estudos, McGrath manifesta que a tradição reformada do Cristianismo, cujas bases são obras como a de João Calvino, “[...] sustenta em geral, que o uso de ícones possui um potencial para a idolatria”. Se considerar Colossenses:1.15, Jesus é a visualização autorizada de Deus⁵⁰. Mais um elemento diferenciador da espiritualidade cristã, nas palavras de McGrath: “[...] é impressionante a importância dessa perspectiva para a espiritualidade cristã. Isso permite visualizar Deus de maneira aprovada por Deus.”⁵¹

O conceito de espiritualidade cristã, portanto, é indiscutivelmente relacionado à pessoa de Cristo. Urbano Zilles confirma que para a pessoa cristã, a espiritualidade relaciona, antes de tudo, ser humano finito com a realidade divina, com Deus que se revela na obra da criação e no mistério de Cristo⁵². Cairns escreve que:

Enquanto os judeus e as autoridades de hoje citam outros como autoridade para suas várias afirmações, Cristo simplesmente dizia: ‘Eu digo’. O que vinha após esta frase ou outras semelhantes a esta nos Evangelhos indica a criatividade e originalidade do pensamento de Cristo, que maravilhou as pessoas do Seu tempo (Mc 1:22, Lc 4:32).⁵³

Considerado a originalidade de sua personalidade e sendo Cristo o princípio da espiritualidade cristã e ainda considerando todo seu ministério na terra e suas pregações registradas nos Evangelhos, percebe-se ser Ele a referência para toda pessoa cristã ou para todo aquele e aquela que prioriza a conduta fundamentada numa ética interior com objetivos exteriores. Porque sempre que Jesus falava, suas ideias e ensinamentos traziam completude à alma humana, como alimento intelectual e espiritual. No entanto, esses mesmos princípios causavam uma estranheza geral em pessoas acostumadas a acordos puramente religiosos, ou seja, aparentes. Exemplo

⁴⁹ LEWIS, C. S. 2005.p.30

⁵⁰ MCGRATH. 2008.p.199

⁵¹ MCGRATH. 2008.p.201

⁵² TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MUELLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.p.10

⁵³ CAIRNS. 1995.p.39.

disso em Mateus 7.12 quando Cristo ensina o dever de fazer ao outro tudo aquilo que desejamos que os outros nos façam⁵⁴. Assim, percebe-se não uma impossibilidade de conduta, mas um ensino difícil para a prática tanto nos dias de hoje como foi naquele tempo.

Anselm Grün faz duas abordagens interessantes sobre a espiritualidade a partir da observação cristã. O autor fala da espiritualidade de cima como aquela que apresenta os ideais que se deve buscar e em última análise cumprir e a espiritualidade de baixo que é a relação feita da realidade pessoal de cada um e cada uma e seus ideais⁵⁵. De Gênesis a Apocalipse, é notório a base da espiritualidade de baixo, estruturada sobre modelos de pessoas cheias de falhas: Abraão, Moisés, Davi, Pedro, Paulo, etc. Aqui enfatiza-se que o diferencial do Cristianismo é que “[...] Deus nos mostra de que somos capazes quando nos deixamos levar por seu espírito”⁵⁶.

Cairs revela que muitas religiões podem subsistir sem fundadores humanos, mas tirar Cristo do cristianismo faria dele uma casca vazia sem vida⁵⁷. Portanto Cristo é o fundamento da igreja cristã⁵⁸. Importante considerar aqui que a ênfase da espiritualidade cristã é a possibilidade de relacionamento entre o ser humano e Deus, através de Jesus Cristo, Deus/homem ressuscitado: “Aquele que vê a mim, vê o Pai” João: 14.9⁵⁹ A espiritualidade cristã, pois, revela o princípio estabelecido pelo próprio Deus de resgatar a ligação perdida com ele e a humanidade. Martinho Lutero, segundo McGrath, também lançou as bases para compreender essa união mística entre Cristo e a pessoa cristã em *A liberdade de um cristão* de 1520. Na obra Lutero explora a natureza e as implicações dessa união para a espiritualidade cristã.⁶⁰

⁵⁴ A BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes Editora Ltda. 1 Edição Autorizada: 2012. p. 1762

⁵⁵ GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a partir de si mesmo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.13.

⁵⁶ GRÜN; DUFNER. 2008.p.16.

⁵⁷ CAIRNS. 1995.p.44

⁵⁸ CAIRNS. 1995.p.45

⁵⁹ BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes Editora Ltda. 1 Edição Autorizada: 2012. p. 2043

⁶⁰ MCGRATH. 2008.p.271

2.4 Entre espiritualidade e inteligência emocional

A psicologia e a filosofia definem inteligência como o princípio espiritual e abstrato que estabelece a fonte de toda intelectualidade, a qual permite ao ser resolver situações novas, adaptando-se a elas. De acordo com McGrath “[...] um número de evidências sugere que a espiritualidade pessoal tem efeito terapêutico positivo sobre os indivíduos, demonstrando maior reconhecimento da importância da espiritualidade para a satisfação e bem-estar humanos”⁶¹.

O avanço em todas as áreas do conhecimento levou os indivíduos à necessidade do autoconhecimento e investigações acerca do desenvolvimento interpessoal e emocional na conquista do sucesso pessoal e profissional. Fato é que há uma tendência humana para métodos e fórmulas de triunfo, todavia a parte espiritual ainda requer estudos mais aprofundados. De acordo com Fela Moscovici:

A parte espiritual é a dimensão menos explorada até hoje, por razões óbvias; ela é de mais difícil acesso e não pode ser alcançada através do cognitivo, simplesmente. Ela exige um outro caminho de alcance que está muito mais na emoção e na fé ou crença. A nossa fé surge e cresce entre o emocional e o espiritual.⁶²

No início dos anos 80, o psicólogo e cientista Howard Gardner revolucionou os conceitos de inteligência com suas teorias das múltiplas inteligências. Anos mais tarde Gardner deu continuidade às pesquisas e apresentou a inteligência espiritual. Porém, “[...] esta área da inteligência existencial/espiritual não é ainda, no entender de Gardner consensual [...] pelo que não a considerou como um tipo de inteligência.”⁶³

A partir de Gardner vários outros desenvolveram estudos baseado em suas teorias, como Daniel Goleman que escreveu sobre avanços nos estudos do cérebro e das ciências comportamentais. Goleman, fundamentado em pesquisas de Peter Salovey e John D. Mayer⁶⁴, argumenta que o ser humano é constituído de duas

⁶¹ MCGRATH, Alister E. 2008.p.19

⁶² MOSCOVICI, Fela. **Razão & Emoção: a inteligência emocional em questão**. Salvador, BA: Casa da Qualidade. 1997.p.62

⁶³ ANTUNES, Roque Rodrigues; Silva, Ana Paula. Inteligência Espiritual: um bem educativo = Spiritual Intelligence: an educational asset. Eduser. **Revista de educação. EduSer - vol. 7, nº 1** . 2005 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10198/14145>>. Acesso em 17 mar. 2020. p.36

⁶⁴ GOLEMAN, Daniel **Inteligência emocional** [recurso eletrônico]; tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p.14

mentes, a racional e a emocional⁶⁵. Para Goleman há uma associação entre o centro cognitivo humano e as emoções:

Quando investigam por que a evolução da espécie humana deu à emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociobiólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a razão. São as nossas emoções, dizem esses pesquisadores, que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos de tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto.⁶⁶

Diante desses estudos, outros surgiram nos quais os pesquisadores identificaram a inteligência espiritual como responsável por equilíbrio e capacidade essencial para lidar com situações conflitantes. Leonice M. Kaminski da Silva no artigo: *Existe uma inteligência existencial/espiritual?* expõe um debate de ideias entre H. Gardner e R. A. Emmons. A autora cita que Emmons defende ter a inteligência humana uma faceta espiritual, usando a expressão “*ultimate concern*” para descrever aquilo que é considerado o supremo, “[...] uma forma inteligente de se posicionar e se relacionar, teórica e praticamente, com esse ‘Princípio Supremo’.”⁶⁷ Roque Antunes também cita Emmons ao defender a emergência da declaração sobre uma inteligência espiritual: “Assim, Emmons (2000) concebe este tipo de inteligência como o uso adaptativo que fazemos da informação espiritual para facilitar a vida cotidiana, resolver problemas e conseguir a realização dos nossos propósitos.”⁶⁸

Silva escreve ainda que para Emmons o ser humano é um ‘*expert*’ no pensar e resolver. A espiritualidade, portanto, tem grande valor adaptativo e por essa razão pode e deve-se falar de uma “inteligência espiritual.”⁶⁹ A constatação é que o indivíduo é capaz de ligar sua capacidade de raciocínio, ancorado em suas experiências pessoais, suas emoções e sua percepção, desenvolvendo e integrando sua vivência espiritual. Silva conclui:

Sinto-me pessoalmente inclinada a julgar que, no fundo, o ‘Existencial’ de Gardner tem tudo que ver com o que outros chamam de ‘espiritual’. Donde minha propensão a designar essa forma de inteligência como sendo

⁶⁵ GOLEMAN. 2011.p.37

⁶⁶ GOLEMAN. 2011.p.32

⁶⁷ SILVA, Leonice M. Kaminski da. Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons. **Revista de Estudos da Religião** Nº 3 / 2001. p.48

⁶⁸ ANTUNES; SILVA. 2015.p.38

⁶⁹ SILVA. 2001.p.50

'espiritual/existencial'. Mais que um ajuste entre posições conflitantes, o que busco com essa designação é dizer que, no fundo, o que os 'religionistas' dizem ao aceitar o adjetivo 'espiritual' em, no que é fundamental, muito - não tudo! - a ver com que os cientistas 'naturalista' chamam de 'existencial'.⁷⁰

Isso nos motiva assegurar acerca da existência de um tipo diferente de inteligência, a emocional/espiritual que prova ser "[...] a que contribui com um número muito maior das qualidades que nos tornam mais plenamente humanos".⁷¹ Goleman fala sobre a autoconsciência de nossos sentimentos no momento exato em que eles ocorrem como essência da inteligência emocional. Para ele autoconsciência, em suma, significa estar "[...] consciente ao mesmo tempo de nosso estado de espírito e de nossos pensamentos sobre esse estado de espírito."⁷²

Em referência às consequências de falta de espiritualidade e inteligência emocional, John Gottman diz que "[...] o que se deve fazer para poupar nossos filhos de muitos riscos é construir laços emocionais mais fortes com eles, ajudando-os assim a desenvolver um nível mais elevado de inteligência emocional".⁷³ A sociedade está povoada de indivíduos egocêntricos, isolados, consumistas e superficiais. O ser humano anseia por liberdade, mas contraditoriamente está preso em seus pensamentos e emoções, prova disso é o comportamento juvenil diante das drogas, pornografia e jogos que em longo prazo dão origem a indivíduos escravizados em suas mentes e atitudes.

No artigo *Espiritualidade e saúde na sociedade do espetáculo*, de Dulcinéa da Mata Ribeiro Monteiro, a autora afirma: "Nossa sociedade vivencia profundas transformações e rupturas de valores. Estamos sob a ênfase do mais; mais riqueza, prazer, juventude; ganhar e vencer; enfim, materialismo, consumismo, aparências e prazer".⁷⁴ O exercício da espiritualidade é um traço marcante e importante da vida humana, mas a ausência de empenho em entender e ajudar jovens nessa carência espiritual que possuem, afastá-los-á da capacidade de desenvolvimento da inteligência emocional/espiritual e procurarão outros meios para suprir essa carência. Monteiro cita Kant:

⁷⁰ SILVA. 2001.p.64

⁷¹ GOLEMAN. 2011.p.76

⁷² GOLEMAN. 2011.p.78

⁷³ GOTTMAN, J. C.; DeClaire, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. 8a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. p.31

⁷⁴ MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. *Espiritualidade e saúde na sociedade do espetáculo*. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo: 2007: abr/jun 31(2). p.204

O ser humano é digno; as coisas são úteis. A vida interior e a subjetividade foram sendo substituídas pela performance externa e exaltação do corpo. Nas famílias, a função paterna foi enfraquecida, perdeu-se a noção de limites, frustração e sofrimento como elementos estruturantes da personalidade, causando consequências negativas.⁷⁵

Por outro lado, importa considerar que porventura indivíduos bem preparados emocionalmente, possuidores de referências no lar e na sociedade em que estão inseridos são gerados a partir da espiritualidade que nasce da comunhão, quer seja com família, comunidades religiosas, com o próprio Deus. De acordo com Lothar Carlos Hoch:

A espiritualidade nasce da comunhão com Deus e da comunhão com as pessoas [...] pressupõe a comunidade como lugar vivencial da espiritualidade [...] tanto a espiritualidade como a personalidade nascem, se desenvolvem e se moldam na comunidade.⁷⁶

A pesquisa de Susana María Rocca⁷⁷, apresenta figuras significativas e promotoras de resiliência com base no que afirma Aldo Melillo “a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade”. As observações de Rocca apontam nos depoimentos de crianças, jovens e adultos resilientes um ponto comum e significativo: “todos e todas reconhecem o apoio irrestrito de pelo menos uma pessoa significativa. Pode ser tanto um jovem como um adulto, membro da família, quanto um amigo, educador, religioso, ou agente de saúde”.⁷⁸ Rocca observou a influência positiva da importância do sentido de vida vinculado à vida espiritual e as crenças religiosas, na qual a fé, vivida com confiança em um Deus presente, é força que ajuda a superar sofrimentos e desenvolve as capacidades de resiliência.

Outra pesquisa relevante é a de Danah Zohar, professora da Universidade de Oxford, pesquisadora e palestrante americana-britânica sobre física, filosofia, complexidade e administração. Zohar propôs a inteligência espiritual como um aspecto da inteligência que fica acima da medida tradicional de QI (quociente de

⁷⁵ KANT *apud* MONTEIRO, 2007, p. 205

⁷⁶ HOCH, Lothar C. Espiritualidade e Personalidade. **Revista Estudos Teológicos**. Edição v.23, n.2, 1983. p.161

⁷⁷ ROCCA, Susana M. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil, **Atualidade Teológica**. Ano XII nº 28, janeiro/abril 2008. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18361/18361.PDFXXvmi=>>>.

⁷⁸ ROCCA, Susana M. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil, **Atualidade Teológica**, p.256.

inteligência) e das várias noções de inteligência emocional, cujo significado e propósito consciente se originam de um sistema adaptativo vivo e complexo. Em parceria com Ian Marshall, psiquiatra da Universidade de Londres, argumenta que toda a inteligência humana, possivelmente infinita, pode estar ligada a um dos três sistemas básicos do cérebro e que todas as inteligências descritas por Gardner são realmente variações do QI básico (quociente de inteligência): QE (inteligência emocional) e IES⁷⁹ (inteligência espiritual) e suas disposições neurais associadas⁸⁰.

O estudo de Zohar é esclarecedor, pois traz algumas provas científicas acerca da inteligência espiritual. Zohar faz menção de pesquisas realizadas pelo neuropsicólogo Michael Persinger e o neurologista Y. S. Ramachandran e sua equipe na Universidade da Califórnia sobre a existência do “ponto divino” no cérebro humano. Este centro espiritual está localizado entre as conexões neurais dos lobos temporais do cérebro.⁸¹

Segundo Zohar:

Nas tomografias computadorizadas por emissão de pósitrons, estas zonas neurais são iluminadas sempre que os sujeitos estudados falem de assuntos espirituais ou religiosos. Estes variam de acordo com as culturas: os ocidentais reagem à menção de ‘Deus’; Os budistas e outros fazem isso antes dos símbolos que são significativos para eles [...] O ponto divino não prova a existência de Deus, mas o cérebro evoluiu para fazer perguntas transcendentais e usar uma sensibilidade para significados e valores mais profundos.⁸² (tradução nossa)

Rosely Sayão faz importante reflexão acerca da instabilidade que preenche as relações modernas e a exacerbada busca pela liberdade individual provocando a atomização celular e conseqüentemente a superproteção dos pais e das mães em relação aos seus filhos e suas filhas⁸³. O resultado é uma educação familiar fragilizada em que filhos e filhas não sabem lidar com rejeições e frustrações.

⁷⁹ No decorrer dessa dissertação usaremos o termo IES para referirmos a inteligência espiritual.

⁸⁰ ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **Inteligencia Espiritual**: La inteligencia que permite ser creativo, tener valores y fe. Espanha. 2001, Plaza & Janes Editores p. 20

⁸¹ ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. 2001. p.27

⁸² ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. 2001. p. 26 “*En los escaneres tomados con topografía de emisión efe positrones, estas zonas neurales se iluminan siempre que los sujetos estudiados deben hablar sobre temas espirituales o religiosos. Estos varían con las culturas: los occidentales reaccionan ante la mención de «Dios»; los budistas y otros lo hacen ante símbolos significativos para ellos. Hace años que esas actividades en el lóbulo temporal habían sido asociadas a las visiones místicas de los epilépticos o de la gente]_u£to_maj_r¿uEl_trabajo de Ramachandran es el primero en demostrar que también ocurren en gente normal. El punto divino no prueba la existencia de Dios, sino que el cerebro ha evolucionado para hacer preguntas transcendentales y usar una sensibilidad para significados y valores más profundos.*”

⁸³ Sayão, Rosely **Família: Modos de usar** [livro eletrônico. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2012.p.30.

Gottman pesquisou comportamento de filhos que foram preparados emocionalmente por seus genitores e conclui que estavam melhor preparados em termos de rendimento escolar, sociabilidade, bem-estar emocional e saúde. As mães entrevistadas disseram que seus filhos se relacionavam melhor com seus amigos, eram mais sociáveis e tinham mais emoções positivas do que negativas.⁸⁴

Todavia o estudo sobre a importância da inteligência espiritual para o fortalecimento humano revela algo peculiar. De acordo com Zohar a IES não tem necessariamente conexão com a religião, na realidade ela pode ser expressa através da religião organizada, contudo ser religioso não garante um alto coeficiente de IES, pois as observações mostram que muitos humanistas e ateus contam com alto coeficiente de IES, enquanto que pessoas radicalmente religiosas possuem baixo coeficiente de IES. Em sua pesquisa a autora cita que anos atrás, o psicólogo Gordon Allport mostrou que as pessoas têm mais experiências religiosas fora dos limites das instituições religiosas do que dentro delas.⁸⁵

Assim se considerarmos que o sucesso no desenvolvimento humano percorre os aspectos biológico, psíquico e espiritual, este último precisa ser lapidado levando em conta o desenvolvimento da IES. Antunes escreve:

[...] para este desenvolvimento é necessário que a inteligência espiritual seja mobilizada, nomeadamente o fator transcendência, isto é, o fator que permite ao ser humano compreender-se como fazendo parte de algo maior, de algo que está muito para além do seu horizonte individual e pessoal, compreender que faz parte de uma humanidade em construção, cuja capacidade de superação dos problemas depende da sua evolução.⁸⁶

Diante disso vê-se quão importante é pesquisar e refletir sobre esse tema para que as famílias, a escola, os e as representantes religiosos/as e a sociedade possam estimular a juventude a desenvolver personalidade com características emocionais fortalecidas diante de conflitos que certamente enfrentarão ao longo da vida.

A gestão das emoções como instrumento no desenvolvimento da inteligência emocional constitui tema em estudos de várias áreas do conhecimento humano. Pesquisas apontam que a habilidade em controlar os pensamentos é imprescindível para o bem-estar do indivíduo, ou seja, está inter-relacionado à sua convicção pessoal, sua espiritualidade, àquilo que o indivíduo acredita e que o impulsiona, que

⁸⁴ GOTTMAN; DECLAIRE. 1997. p.39

⁸⁵ ZOHAR; MARSHALL. 2001.p.24

⁸⁶ ANTUNES; SILVA. 2015.p.42

traduz sua individualidade. Boff afirma: “Espírito é o ser humano na sua totalidade enquanto ser que pensa, que decide, que tem identidade, que tem subjetividade, é sujeito. Então, espírito é o modo de ser. Não é uma parte do ser humano, é uma maneira de ser [...]”⁸⁷.

Assim, espiritualidade é a tendência humana pelo transcendente com a finalidade de buscar significado para a vida, podendo ou não estar ligada à vivência religiosa; essa pesquisa foca a espiritualidade cristã. A inteligência emocional por outro lado é a definição da capacidade do indivíduo em gerir suas próprias emoções, relacionado à inteligência social e seus efeitos positivos em conjunto com aquilo que poderíamos chamar de inteligência espiritual.

O capítulo seguinte é tentativa de conceituar comportamentos aditivos, citar alguns diferentes tipos e sua relação ou desdobramentos em indivíduos que, por alguma razão, não cultivam/desenvolveram sua espiritualidade e /ou inteligência emocional/espiritual.

⁸⁷ BETTO; BOFF. 2014.p.100

3 COMPORTAMENTOS ADITIVOS E DEPENDÊNCIAS

Existem vários conceitos relacionados ao comportamento humano repetitivo. Vício do latim "vitium" que significa "falha" ou "defeito" é a prática contínua que degrada ou causa algum prejuízo de ordem pessoal e/ou social. Embora a palavra esteja mais associada ao uso de substâncias químicas, a dependência é o oposto da independência, é a ideia de submissão em relação a algo ou alguém, ou seja, a ausência de comportamento autônomo e independente. A psicologia e a medicina afirmam que há dependência quando um indivíduo possui a necessidade compulsiva relacionada ao pensar, sentir e agir em relação à alguma substância, atividade ou outro indivíduo na obtenção temporária do prazer e da satisfação.

Adição e Adicção, na psiquiatria, constitui consumo excessivo e insistente de drogas, alucinógenos ou substâncias de efeito psíquico; tendência a possuir ou desenvolver hábitos compulsivos. Etimologicamente vem do inglês "addiction" (vício, defeito, falha), fato de sentir compulsão por certa coisa; do latim "addictus" -a, -um, (particípio passado de addico), -ere, aprovar, dar assentimento a ser favorável, adjudicar, vender, consagrar, dedicar. A pessoa adicta é a que se submete a ou que depende de algo, afeiçoada, dedicada.

Comportamento aditivo ou dependência refere-se a qualquer hábito, atitude, substância, comportamento ou objeto que se torna o foco principal de um ser humano, contribuindo negativamente em sua conduta física, mental ou social. Apesar de adicção apontar para o domínio do objeto na vida de alguém, "[...] ao longo do tempo o uso do termo adicção se associou, de forma equivocada, exclusivamente ao objeto droga. Com isso, o foco passou a ser o objeto e não o sujeito adicto⁸⁸".

A pesquisa fará uso do termo "adicção" ou "comportamento aditivo" por tratar-se de um vocábulo que tem sido usado com mais frequência entre pesquisadores e pesquisadoras, principalmente psicanalistas, concernente ao fenômeno com características impulsivas/compulsivas não apenas em relação a substâncias, mas também a diferentes atividades e condutas.

⁸⁸ ZIDAN, Paloma Mendes; ROCHA, Raquel Vasques de. Trauma e fragilidade narcísica nas adicções. **Analytica Revista de Psicanálise**. São João del-Rei | v. 3 | n. 5 | p. 72-100 | julho/dezembro de 2014 Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/544/608>> Acesso em: 16 ago. 2019.

3.1 Aspectos para compreensão das adicções

Comportamentos aditivos ou adicção é o conceito de eventos caracterizados pela impulsividade e compulsão em relação a atividades, condutas, comportamentos repetitivos, obsessão, dependência. “É a relação causal entre fenômenos, coisas ou pessoas [...] em psicanálise, é a forma extrema de obliteração do eu, em que se observa a necessidade compulsiva de entrega emocional”⁸⁹. Cita-se ainda a mania que “[...] popularmente, assinala qualquer exibição despropositada e excessiva de interesse por um objeto ou realização de algum ato”⁹⁰. Em fenomenologia é extremamente complexo, sendo impossível atribuir-lhe apenas uma causa ou assisti-la sob uma única teoria.

O vocábulo alemão “*Sucht*”, traduzido para o francês “*addiction*” e para a língua portuguesa “*adicção*” que remete ao sentido de dependência, foi encontrado em Freud em obras anterior ao ano de 1900. Freud não propõe uma teoria acerca da dependência química, mas deixa contribuição ao tratamento psíquico das adicções e toxicomanias em referências ao que seria “*adicção à hipnose*”⁹¹. Para Freud em sua teoria de desenvolvimento da sexualidade, as adicções se referem à fixação da libido numa determinada fase do desenvolvimento, ou do retorno à relação do bebê com a mãe.⁹²

Freud exemplifica com a atividade oral do bebê, o prazer deste no encontro com o seio, e que não se restringe somente à satisfação da fome. Assim, o bebê se sentirá impelido a repetir a satisfação sexual que se separará da necessidade do alimento⁹³.

Não obstante, Freud, poucas vezes, mencionar a adicção, em uma carta a Fliess de 1897 o psicanalista associa o “vício” bem como todas as outras adicções, como a masturbação ou o autoerotismo, ou seja, relaciona o vício primário e o

⁸⁹ CABRAL, Álvaro, pseud. de Antônio José Silva e Souza. **Dicionário de psicologia e psiquiatria**. Expressão e Cultura. Rio de Janeiro, 1971. p. 95

⁹⁰ CABRAL. 1971. p. 230

⁹¹ BENTO, Victor Eduardo Silva. Para uma semiologia psicanalítica das toxicomanias: adicções e paixões tóxicas no Freud pré-psicanalítico. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 89-121, mar. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 ago. 2019.

⁹² HUMBERG, Lygia Vampré. **Relacionamentos adictivos, um estudo psicanalítico**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032015-125322/publico/humberg_do.pdf> Acesso em: 13 ago 2019.

⁹³ ZIDAN, Paloma Mendes; ROCHA, Raquel Vasques de. São João del-Rei, 2014.

esquema narcisista da libido humana⁹⁴. Veja o assunto na carta enviada ao seu amigo e confidente Fliess em dezembro de 1897:

Despontou em mim a descoberta intuitiva de que a masturbação é o grande hábito, o 'vício primário', e de que é apenas como substitutos sucedâneos dela que os outros vícios — o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas — passam a existir. O papel desempenhado por esse vício na histeria é imenso, e talvez seja aí que se encontra, no todo ou em parte, meu grande obstáculo ainda por superar. E nesse ponto, é claro, surge a dúvida entre saber se um vício dessa espécie é curável, ou se a análise e a terapia devem deter-se nesse ponto e contentar-se em transformar a histeria em neurastenia.⁹⁵

Para a psicanálise, a etiologia da dependência encontra-se numa fixação na fase oral, pré-edípica. “Da mesma forma que o consumo de drogas seria correlato ao consumo de alimento (do leite materno), com todas as questões simbólicas implicadas (e não resolvidas a contento) na díade mãe-bebê [...]”⁹⁶. Aqui o autor propõe que referente as dependências não-químicas, é possível também se falar em uma certa forma de consumo, ou seja, a introjeção simbólica de um conteúdo externo.

Os estudos de Winnicott apontam que as adicções são um tipo de problema que está relacionado com as falhas que ocorreram na fase da transicionalidade do indivíduo. “O autor considerou que o objeto transicional representaria o seio ou o objeto da primeira relação [...]seria o início do relacionamento da criança e o mundo”⁹⁷. Na fase intermediária, a idade adulta, a pessoa precisaria ser capaz de fazer a diferenciação entre sua realidade interna e a vida externa como realidades separadas, embora inter-relacionadas. Para tanto o sucesso dessa transição depende da boa maternagem. Assim:

Para Winnicott, a compreensão da dinâmica que caracteriza os fenômenos transicionais leva a compreensão do que é o brincar, a criatividade, a produção artística, o sentimento religioso, o sonhar, como também o

⁹⁴ GURFINKEL, Decio. **A pulsão e seu objeto-droga**: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1996.p.148.

⁹⁵ MASSON, J. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.p. 288.

⁹⁶ ABREU, Cristiano Nabuco de. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre. Artmed, 2008. p.143.

⁹⁷ BASAGLIA, Aline Esteves. **Adictos a drogas em tratamento: um estudo sobre o funcionamento psíquico de suas mães**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-21072010-100446/pt-br.php>>. Acesso em: 15 ago. 2019.p.26

fetichismo, o mentir, furtar, a origem e a perda do sentimento afetivo, e, como foco de análise dessa comunicação, o vício em drogas, o uso de objeto fetiche, talismã dos rituais obsessivos, etc⁹⁸.

De outro modo, considerando a complexidade para explicar a dependência química, inúmeras teorias foram surgindo: teóricos do *modelo de comportamento aprendido* defendem que os comportamentos são condicionados. Opinam que desordens de comportamento incluindo sentimentos, pensamentos e mudanças fisiológicas poderiam ser modificados pelos mesmos processos que os criaram. Escolas do *modelo psicanalítico* mais antigo entendiam o uso de álcool e drogas como a tentativa de retorno a estados prazerosos da infância. Por fim a explicação da dependência como fenômeno *biopsicossocial*, que procura integrar as teorias anteriores em conjunto, considerando os fatores biológico, psicológico, sociológico, cultural e espiritual, os quais desempenham importante papel na causa, no curso e nos resultados do transtorno⁹⁹.

André Palmira aborda as “patologias da vontade” que seriam as consequências de distorções no processo de tomada de decisões característico da flexibilidade do comportamento humano, ditada pela evolução neurobiológica e seu cérebro formado por estruturas que “apoiam” decisões em direções opostas. O autor versa que esse complexo sistema de tomada de decisões está atrelado à variável do tempo, cujas consequências interferem a curto e longo prazo. Sobre fazer escolhas correspondente a obter uma recompensa a curto prazo, ele escreve:

Existem estruturas cerebrais que ‘empurram’ o indivíduo para tomar esta decisão, uma vez que essas estruturas organizam o comportamento de busca por recompensas imediatas, instintivas. Este é o processo pelo qual decidimos ‘a favor’ de atitudes que atendem a instintos imediatos. As estruturas envolvidas neste processo são *subcorticais* e muito, muito antigas. Em função de estarem evoluindo há milhões de anos, trazem uma enorme força biológica, cuja compreensão é um passo fundamental para que se entenda as patologias da vontade, em geral, e a adicção a drogas de abuso, em particular.¹⁰⁰

⁹⁸ VAMPRE, Humbert Lygia. **Adicção, identificação e relação de dependência patológica para winnicott**. - XX Encontro latinoamericano sobre el pensamiento de Winnicott “? Por qué Winnicott Hoy?”. 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/274511049_ADICCAO_IDENTIFICACAO_E_RELACAO_DE_DEPENDENCIA_PATOLOGICA_PARA_WINNICOTT_XX_Encontro_latinoamericano_sobre_el_pensamiento_de_Winnicott_Por_que_Winnicott_Hoy>. Acesso em: 16 ago. 2019.

⁹⁹ FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. **Aconselhamento em dependência química**. 2. ed. São Paulo, SP: Roca, 2010.p.4.

¹⁰⁰ GIGLIOTTI, Analice (ed.) **Dependência, compulsão e impulsividade** - Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2007.p.2.

Palmini completa que toda vez que o cérebro (SCR - sistema cerebral de recompensa) está diante de uma situação que exige uma escolha, os dois polos do SCR entram em ação, cada um tentando influenciar mais na decisão. Aqui sempre a decisão “apoiada” pelo sistema límbico, um dos polos do SCR, vai na direção de obtenção de prazer mais imediato (impulso), todavia a capacidade de controle de impulsos difere entre os indivíduos¹⁰¹.

Um aspecto interessante é que as estruturas de organização social tendem a restringir as possibilidades de escolha ou tomada de decisões: estruturas religiosas através da fé e militares através da obediência cega à hierarquia, por exemplo. “Essas estruturas trabalham com o fortalecimento extremo de decisões ou escolhas mais ponderadas, buscando sempre as recompensas no futuro, como ocorre na religião, e as promoções, como nas carreiras militares”¹⁰².

Se considerarmos o impulso como resultado do prazer mais imediato para o indivíduo, vale ressaltar que Hermano Tavares apud Kraepelin cita o termo *impulsos patológicos* em referência a síndromes como piromania, cleptomania, oniomania, etc. Porém:

[...] outros autores têm salientado a elevada prevalência e comorbidade de síndromes caracterizadas por comportamentos habituais da vida cotidiana, em geral gratificantes (comprar, comer, jogar, fazer sexo) e que pela repetição excessiva tornam-se prejudiciais a alguns indivíduos que perdem o controle sobre os mesmos¹⁰³.

Em resumo, Tavares conclui que o ato volitivo ideal é o resultado da combinação ponderada das forças movidas pelo psiquismo, impulsos e instintos. Em contraste, as perturbações da vontade podem ser vistas em neuroses obsessivas e em comportamentos de abuso, especialmente nas adicções. “A neurose obsessiva é a síndrome neurótica, por sua vez, é caracterizada por um sistema persistente e perturbador de obsessões e compulsões”¹⁰⁴.

Na abordagem da adicção como modelo clínico e considerando os estudos de Liberman, a adicção consiste em um dos tipos de ações impulsivas e irrefreáveis

¹⁰¹ FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. 2007. p.3

¹⁰² FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. 2007. p.4

¹⁰³ TAVARES, Hermano. **Jogo Patológico e suas relações com o espectro impulsivo-compulsivo**. 2000. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 2019-08-13.

¹⁰⁴ CABRAL. 1971. p. 265.

que existem na conduta humana: “As adicções se incluem, pois, nas impulsões à medida que supõem ‘manipulações e utilizações de objetos externos [...] com a finalidade defensiva de bloquear o afeto depressivo em determinadas situações¹⁰⁵..

Decio Gurfinkel escreve:

Esta ‘impulsão para a fuga’ pode, para Liberman, tomar as mais diversas formas, desde a da adicção às drogas e ao álcool, até a do impulso para roubar, a da adicção à comida e aquela conduta do impostor clássico para que necessita enganar mulheres ingênuas. O que caracteriza a adicção é o grande prazer que a acompanha, sendo assim regida pelo princípio do prazer e da descarga imediata.¹⁰⁶

O autor enfatiza que a “personalidade aditiva” num indivíduo é a constante busca, fora de si mesmo, para solucionar problemas que são internos. O objeto de pulsão pode ser o mais variado, pois a ênfase é o modo como o indivíduo se relaciona com ele.

Gurfinkel cita os estudos de Joyce McDougall, fundamentada no pensamento winnicottiano sobre o “objeto transicional patológico”. McDougall diz: “A ‘solução’ encontrada pode ser uma substância [...] ou então a utilização ativa de outros, ou ainda a utilização adictiva da sexualidade [...]”¹⁰⁷. Dessa forma, como o objeto adictivo é um esforço para solução de problemas internos, o efeito é sempre transitório e conseqüentemente gera a atividade adicta que precisa ser renovada continuamente. A autora “Percebeu que um dos objetivos do comportamento adicto seria o de se livrar de forma mais rápida das próprias emoções como ansiedade, raiva culpa [...], mas que são vividos de forma inconsciente como proibidos ou perigosos”¹⁰⁸.

Destacamos o tipo de registro de experiências que é arquivado na memória da pessoa. Cury¹⁰⁹ aborda em sua obra acerca do fenômeno RAM, cuja autoridade merece enfoque. De acordo com o autor, o registro das experiências vividas na memória é involuntário caso o indivíduo vivencie algo ruim, certamente será depositado na memória inconsciente. Deste modo, cuidar do que se deposita na memória torna-se crucial para a bagagem emocional que será construída na medida

¹⁰⁵ GURFINKEL, Decio. **A pulsão e seu objeto-droga**: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1996.p.43

¹⁰⁶ GURFINKEL.1996. p.43

¹⁰⁷ GURFINKEL. 1996.p.44

¹⁰⁸ BASAGLIA. 2010. p.23

¹⁰⁹ CURY, Augusto, **Superando o cárcere da emoção**. 3ed. São Paulo: Planeta, 2015. p. 46.

em que a história do indivíduo é vivida. No entanto, o autor coloca que nem todas as experiências vividas são registradas com a mesma intensidade. O fenômeno RAM¹¹⁰ compila com mais evidência os pensamentos originados com teor de ansiedade, apreensão, prazer ou tensão, ou seja, as situações com alto teor emocional têm um registro privilegiado na memória humana.

Talvez esse fenômeno explique o porquê dos vícios em geral, comportamentos destrutivos, desvios de caráter, dependência química e compulsão, pois, para cada vez que a pessoa experimenta uma situação de grande comprometimento dramático, quer seja negativa ou positiva, terá um registro no cérebro tão automático e expressivo que influenciará a maneira de agir e reagir nas próximas vivências internas e/ou externas.

Resumindo, temos três situações importantes. Primeiro, o fenômeno RAM registra automaticamente as experiências. Segundo, o fenômeno RAM tem afinidade com as experiências de maior tensão. Terceiro, a retroalimentação [...], determinará a dimensão do conflito que uma determinada pessoa vai ter. Aplicando esses princípios psíquicos no uso de drogas, entenderemos a confecção do cárcere interior em que certas pessoas se envolvem sem perceber.¹¹¹

Por fim, vale enfatizar os estudos de Suzana Dupetit, também influenciada por Winnicott. Dupetit faz divisão de dois aspectos na mente da criança: o adulto e o infantil, onde o último subdivide em dependente e onipotente. O aspecto dependente é aquele que reconhece sua dependência ao meio humano, introjetando funções paternas e maternas, mas quando há preponderância do aspecto de organização onipotente infantil, surge a perpetuação das exigências do “puro prazer”. A autora defende que uma vez prevenida a organização infantil onipotente, instala-se a “dependência adicta”:

A partir dessa concepção de adicção, Gurfinkel apud Dupetit propõe a existência de diversos graus de instrumentalização dos objetos externos...importa muito distinguir o tipo de objeto escolhido entre natural e artificial, já que se trata de substitutos das funções materno-paternas. Quanto mais natural o objeto, mais chances tem de se tornar um verdadeiro objeto transicional que conduz ao crescimento psíquico. Por outro lado [...] são muitos os objetos possíveis de adicção: a comida, as pessoas do

¹¹¹ CURY, 2015. p. 49.

mesmo sexo, as pessoas do sexo oposto, as partes de um objeto pessoa, e finalmente as drogas.¹¹²

A essa lista é possível acrescentar outros tantos possíveis objetos: a internet, a pornografia, os jogos eletrônicos, os diferentes acessos à tecnologia (televisão, *smartphones*, *tablets*), as redes sociais, jogos *online*, aplicativos com diversificadas funções, enfim todas as possibilidades desenfreadas do mundo contemporâneo de acesso facilitado à satisfação imediata com apenas um clique.

3.2 Tipos de comportamentos aditivos

Tantas são as formas de adicção quanto são os objetos de interesse do ser humano. Gurfinkel parafraseando Winnicott, propõe: “O que caracteriza uma adicção não é o objeto usado, mas o uso que se faz do objeto”¹¹³; pois alguém pode jogar ou beber sem que seja um viciado desde que tais condutas não tenham um caráter impulsivo e irrefreável.

3.2.1 Dependência química

A dependência de substâncias psicoativas é um tema atual e sabe-se que o abuso de substâncias tem sido um dos maiores problemas de saúde no mundo. Não obstante, ainda não existe uma resposta exata sobre o que seja a dependência química, mas diversas teorias buscam explicar sua complexidade de acordo com os inúmeros estudos realizados.

Aparentemente não há uma distinção clara entre uso, abuso e dependência. “Poderíamos definir uso como qualquer consumo de substâncias [...] abuso ou uso nocivo como o consumo de substância associado a algum tipo de prejuízo [...]e dependência como consumo sem controle associado a problemas sérios [...]”.¹¹⁴ De acordo com Fligie, há o conceito de síndrome da dependência, que aborda duas dimensões diferentes entre si: a psicopatologia do beber e por outro lado os problemas em decorrência do uso (seja álcool ou outras drogas). Assim uma coisa

¹¹² GURFINKEL. 1996.p.51.

¹¹³ GURFINKEL, Decio. **Adicções: paixão e vício**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 47

¹¹⁴ FLIGIE, Neliana Buzi. **Aconselhamento em dependência química**. 2. Ed. São Paulo. Roca. 2010.p.5.

seria o indivíduo intoxicar-se, outra coisa é, por estar intoxicado, intoxicar-se frequentemente.

Nos primeiros conceitos de dependência química, o pai da psiquiatria nos Estados Unidos, Benjamin Rush e o britânico Thomas Trotter afirmavam que a embriaguez era resultado da perda do autocontrole e comprometia o equilíbrio saudável do corpo. Para eles, a adicção era uma doença da mente, devendo ser tratada por médicos. Nas palavras de Rush: "Começa como uma escolha, torna-se um hábito e depois uma necessidade"¹¹⁵. Atualmente o conceito de dependência considera assim: "Qualquer padrão de consumo é constantemente influenciado por uma série de fatores de proteção e risco de natureza biológica, psicológica e social"¹¹⁶. Vejamos:

As substâncias psicoativas são aquelas que, quando consumidas, desencadeiam ação direta nos sistemas cerebrais e são capazes de modificar a consciência, o humor, o pensamento e o estado físico. A dependência química é um transtorno de natureza multifatorial que vai além dos fenômenos causados pela droga, abrangendo, também, a suscetibilidade individual e o contexto social em que o indivíduo encontra a substância.¹¹⁷

Entre os vários modelos dentro da teoria do comportamento aprendido, enfatizamos o modelo cognitivo-comportamental, que defende que os pensamentos influenciam as emoções e os comportamentos. "Para esses teóricos, determinados estímulos (internos ou externos) interagem com as vulnerabilidades do indivíduo, com suas crenças disfuncionais a respeito de si mesmo e a respeito do uso de substâncias e levam ao *craving* e ao comportamento de busca"¹¹⁸. *Craving* mais popularmente conhecido como fissura, é o desejo incontável de usar uma substância específica. Talvez possamos fazer a associação entre os pensamentos e sua influência sobre emoções e distúrbios comportamentais nos indivíduos, nesse caso o uso compulsivo de uma substância psicoativa.

Ana Cecilia Petta relata que o estudo cognitivo-comportamental, surgido em 1960 e ampliado por Lazarus, explicava o estresse e sua relação com o

¹¹⁵ GIGLIOTTI, Analice. **Dependência, compulsão e impulsividade** - Rio de Janeiro: Rubio, 2007.p.11

¹¹⁶ GIGLIOTTI. 2007.p.15

¹¹⁷ RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo. **O tratamento do usuário de crack**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.p.143

¹¹⁸ FLIGIE. 2010.p.4

comportamento habitual do indivíduo. “A emoção estava relacionada com muitas reações e, portanto, a cognição e o comportamento não poderiam ser vistos separadamente”¹¹⁹, dessa forma a terapia comportamental-cognitiva, buscando a compreensão da cognição como ferramenta essencial para alteração comportamental, tornou-se tão efetiva quanto as demais no tratamento de dependentes.

Através de observações clínicas, Hermano Tavares propõe uma classificação dos diferentes fenômenos impulsivos. A dependência química está relacionada aos fenômenos em que a exacerbação dos impulsos é primária¹²⁰, classificada pela perda de controle sobre apetites e desejos. Enfatiza-se a ambiguidade que pode acontecer entre alguns usuários, a saber, a força do desejo que fixa em um objeto e ao mesmo tempo a consciência plena dos prejuízos do uso.

Tavares explica que é o quadro típico do indivíduo preso pelo conflito de desejar tanto algo que lhe faz tão mal. “Muitos dos sintomas da síndrome derivam desta oposição: tentativas vãs de estabelecer controle sobre o abuso e artifícios para reduzir as consequências negativas”.¹²¹ Salientamos que os estudos apontam que quanto mais cedo for a exposição às drogas, maior a possibilidade de dependência; ainda assim “não existe qualquer fator que determine, de forma definitiva, que as pessoas se tornarão dependentes [...] uma combinação de fatores contribui para que algumas pessoas tenham maiores chances [...]”¹²². Embora, Marcelo Ribeiro defende que situações traumáticas ocorridas na infância e adolescência como negligência e maus tratos por parte de seus cuidadores, abuso sexual, violência e marginalidade podem “aumentar significativamente o risco para uma série de transtornos psiquiátricos na vida adulta, entre eles a dependência química”¹²³.

3.2.2 Jogos e internet

O vício em internet é a compulsão ao uso do meio virtual, também denominado internet-dependência, caracterizado como um transtorno no controle

¹¹⁹ GIGLIOTTI. 2007.p.184

¹²⁰ ABREU. 2008. p.24

¹²¹ ABREU.2008. p. 34

¹²² FLIGIE. 2010.p.5

¹²³ RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo. 2012. p.227

dos próprios impulsos, pois a pessoa usuária não consegue se desconectar da rede por decisão autônoma, permanecendo por horas em frente ao computador. A União Internacional de Telecomunicações – UIT, estima que no final de 2018, 51,2% da população mundial teve acesso à internet, isso equivale a 3,9 bilhões de pessoas. O Brasil possui mais de 122 milhões de pessoas usuárias com acesso à internet, isso equivale a 59% da população¹²⁴.

A internet-dependência é diagnosticada como doença quando a pessoa usuária tem sua vida real (pessoal, sentimental e profissional) afetada em detrimento de sua vida virtual. Vale considerar que as tecnologias tornaram parte indispensável no cotidiano e trouxeram variados benefícios, no entanto a “vida conectada”, os novos tipos de relacionamento com o meio virtual, jogos *online* e as redes sociais, somados ao conseqüentemente isolamento das pessoas, revela-nos uma geração acelerada, ansiosa, conectada e viciada. De outro modo, de acordo com a literatura disponível, o jogo considerado patológico são os denominados jogos de azar, em que o indivíduo se motiva pela aposta de valores. Nosso enfoque é nos jogos *online* cujo mercado encontra-se em expansão mundial.

Um relatório de pesquisa de mercado da empresa Niko Partners declarou que o comércio de jogos *online* na China atingiu o equivalente a US \$ 11,9 bilhões em 2013. Porém os detalhes da pesquisa são mais relevantes para nossa abordagem, pois o relatório aponta que os *Massively Multiplayer Online* (MMOs), gênero de jogo eletrônico capaz de suportar grandes quantidades de jogadores simultaneamente, conectados através da internet, estão entre os jogos de mais interesse para os/as internautas porque oferecem uma variedade de incentivos para jogar em relação a outros gêneros de jogos.¹²⁵ São jogos tipicamente mais colaborativos e sociais do que competitivos. Muitos MMOs requerem que jogadores e jogadoras invistam muito do seu tempo no jogo. A revista Forbes¹²⁶ publicou no mês de agosto que o *World of Warcraft* (WoW), um dos MMORPG (*Massively Multiplayer Online Role-Playing Game*) mais populares do mundo, teria batido o

¹²⁴ ITU. International Telecommunication Union. Disponível em: <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx>>. Acesso em: 23 set 2019.

¹²⁵ TAKAHASHI, Dean. China's PC online game market to hit \$11.9B in 2013. Publicado em: 2 mai. 2013. Disponível em: <<https://venturebeat.com/2013/05/02/chinas-pc-online-game-market-to-hit-11-9b-in-2013/>>. Acesso em 23 set 2019.

¹²⁶ FORBES Media LLC 2019. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/davidjagneaux/2019/08/26/world-of-warcraft-classic-attracts-over-1-million-concurrent-twitch-viewers-for-launch-day/#74cf898e2222>>. Acesso em 23 set 2019.

recorde de horas assistidas na plataforma de *streaming Twitch TV*, totalizando mais de 82 milhões de horas assistidas dos últimos 30 dias.

O termo 'dependência de computador' foi introduzido em 1991, por um britânico, que percebia que certos indivíduos obtinham constante excitação intelectual ao interagir com suas máquinas. Tais indivíduos 'dependentes' relatavam ainda uma limitada satisfação no contato com pessoas, vendo o computador sob uma ótica bem mais positiva do que as relações pessoais.¹²⁷

Um estudo realizado por Daria Kuss, pesquisadora de ciências da psicologia da Universidade de *Nottingham Trent*, Reino Unido, sugeriu que o vício em jogos se assemelha à dependência química. Kuss discorre que estudos citados de neuroimagem indicam que o vício em jogos virtuais compartilha semelhanças com outros vícios, incluindo a dependência de substâncias. Os resultados fornecem base para entender a estrutura da dependência de jogos como uma patologia; biologicamente, o manuseamento de jogos permite a liberação de dopamina estriatal.

A pesquisa apontou que a dependência da internet está relacionada a deficiência nas estruturas do sistema de recompensa cerebral pelo qual os neurotransmissores dopaminérgicos do cérebro são reduzidos.¹²⁸ Kuss também verificou em seu estudo que o vício potencial em jogos *online* estava associado a fuga da realidade, o que corresponde a sua função "narcótica". Sobre os jogos, a neurociência enfatiza que áreas cerebrais associadas a vícios são frequentemente utilizadas e com o tempo pode levar a significativas alterações das conexões neurais e na estrutura cerebral¹²⁹. Os jogos virtuais tornam-se cada vez mais proeminentes à medida que pessoas usuárias aprendem como jogá-los. O resultado é um envolvimento cada vez mais contínuo e a perda do controle sobre os mesmos.

¹²⁷ ABREU, Cristiano Nabuco de. 2008. p.138.

¹²⁸ KUSS, Daria. Internet gaming addiction: Current perspectives. **Psychology research and behavior management**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/258768087_Internet_gaming_addiction_Current_perspectives>. Acesso em 24 set 2019.

¹²⁹ DONG Guangheng; HUANG Jie; DU Xiaoxia. Enhanced reward sensitivity and decreased loss sensitivity in Internet addicts: an fMRI study during a guessing task. **Journal of Psychiatric Research**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/51497350_Enhanced_reward_sensitivity_and_decreased_loss_sensitivity_in_Internet_addicts_An_fMRI_study_during_a_guessing_task>. Acesso em: 27 set. 2019.

Um estudo exploratório¹³⁰ realizado por Kimberly Young que foi psicóloga e especialista em transtorno de dependência da internet e comportamento virtual, classificou 396 casos de pessoas usuárias dependentes da internet com base numa versão adaptada dos critérios do jogo patológico definidos pelo Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-IV).

Young investigou o uso patológico da Internet associado a um comprometimento social, psicológico e ocupacional significativo. Os estudos de caso revelaram que indivíduos que foram classificados como “dependentes” passavam em média trinta e oito horas por semana em atividades não acadêmicas ou não profissionais, na internet, causando efeitos prejudiciais como mau desempenho escolar, discórdia entre casais e redução no desempenho profissional. Os indivíduos classificados como “não viciados”, usaram a internet em média oito horas por semana sem consequências significativas relatadas. Gurfinkel apud Guerreschi “Ressalta, apropriadamente, que o abuso de internet pode provocar um transtorno caracterizado por alterações da consciência, despersonalização e perda do sentido da realidade, que é substituída por uma outra, ‘paralela’”¹³¹.

Em sua 4ª edição, o DSM-IV contemplava uma seção de controle dos impulsos não classificados em outro lugar. Nessa seção as chamadas dependências de jogos, tecnologia, dependência de internet e *videogame* estavam elencadas em *transtorno do controle dos impulsos sem outra especificação*¹³². No entanto essa classificação foi alterada na versão mais recente do Manual, a 5ª edição, cuja seção dos *transtornos relacionados a substâncias e transtornos aditivos* admite “Evidências de que o comportamento de jogo ativa sistemas de recompensa semelhantes aos ativados por drogas de abuso e produzem alguns sintomas comportamentais que podem ser comparados aos produzidos pelos transtornos por uso de substância”¹³³.

Entretanto, os outros padrões de excessos comportamentais como jogos pela internet também foram descritos, porém as pesquisas são menos claras: “O consenso é que o uso problemático da internet pode caracterizar-se como transtorno

¹³⁰ YOUNG, K.S. Internet Addiction: The Emergence of a New Clinical Disorder. **Ciber Psychology e Behavior**. Vol.1. Nº3. Disponível em: <<https://www.healthplace.com/addictions/center-for-internet-addiction-recovery/what-makes-the-internet-addictive-potencial>>. Acesso em 27 set. 2019

¹³¹ GURFINKEL, Decio. 2011.p.33

¹³² ABREU.2008. p. 23

¹³³ MAGNUS, Ana Paula M. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre. Artmed, 2014. p. 481.

do impulso”¹³⁴. À semelhança dos jogos considerados de azar, a pesquisa de Kuss apud Griffiths¹³⁵ relatou que os jogos *online* e os *videogames* possuem em sua mecânica e características estruturais elementos que reforçam as qualidades potencialmente viciantes porque contribuem para que pessoas usuárias iniciem-se, desenvolvam-se, à medida que se envolvem e praticam, e, principalmente, são impulsionados a manterem-se jogando.

O que se observa é a necessidade de mais estudos nessa área, com o intuito de entender esse problema comportamental de maneira mais completa, pois casos de compulsão à internet têm crescido consideravelmente. Isso se deve à naturalidade da vida tecnológica contemporânea, e expansão diária de novos indivíduos usuários e o grande incentivo do entretenimento oferecido pela rede para manter os veteranos sempre conectados.

3.2.3 Pornografia na internet

A rede mundial de computadores surgiu na década de 60 e se popularizou em meados dos anos 80 e 90, com sua evolução e aperfeiçoamento. A comunicação, através de mensagens eletrônicas foi um dos primeiros e mais importantes serviços oferecidos. A rede passa a veicular os mais diversos tipos de conteúdo, imagens, vídeos e junto com eles a possibilidade de um mundo virtual anônimo e “protegido” através das telas.

Nesse contexto de diversidade de conteúdo, destacam-se as representações que envolvem sensualidade, erotismo e sexo, facilitando o acesso ao entretenimento mais comum desde a antiguidade: a pornografia. As imagens de vasos da antiga Grécia e as cenas pornográficas pintadas na antiga Pompeia são exemplos de que a pornografia se estende até o início da própria civilização humana¹³⁶.

O consumo pornográfico mudou, o que antes era obtido em bancas de revistas transformou-se em acesso na tela do celular. Hoje “O acesso a conteúdo

¹³⁴ ABREU.2008. p. 145

¹³⁵ KING, Daniel; DELFABBRO, Paul; GRIFFITHS, Mark. Video Game Structural Characteristics: A New Psychological Taxonomy. **International Journal of Mental Health and Addiction**. 2009.

¹³⁶ EBERSTANDT, Mary. **Os custos sociais da pornografia**: oito descobertas que põe fim ao mito do prazer inofensivo. São Paulo. Quadrante, 2019.p.12.

pornográfico, especialmente por meio da Internet, cresce exponencialmente - chegando a cerca de 6 trilhões de vídeos pornográficos assistidos em um ano”¹³⁷.

Dhuffar e Griffiths expõem que por consequência da satisfação quase que instantânea, a pornografia na internet e o sexo virtual provocam um comportamento sexual potencialmente viciante. Essa conduta gera nas pessoas usuárias uma diminuição dos relacionamentos interpessoais, além da produtividade profissional e sucesso escolar, que são negativamente afetados.¹³⁸ Os autores abordam estudos nos quais a adicção em sexo virtual na última década tem sido mencionada como a “cocaína crack” do vício em sexo. De igual forma:

Pesquisas e dados sugerem que o uso habitual da pornografia, especialmente na internet, pode ter uma gama de efeitos prejudiciais em seres humanos de todas as idades e de ambos os sexos, afetando a sua felicidade, sua produtividade, seu relacionamento com os outros e o seu funcionamento na sociedade.¹³⁹

Em Adicções: paixão e vício, Gurfinkel faz referência a Christoph Türcke, filósofo da Escola de Frankfurt, que afirma que as pessoas vivem em um meio social no qual impera o vício pela máquina audiovisual, que bombardeia os indivíduos com ‘injeções sensuais’ e que produz uma excitação contínua de efeito similar ao das drogas.¹⁴⁰ Corrobora “No que diz respeito ao cérebro, uma recompensa é uma recompensa, independente que seja uma substância química ou de uma experiência. E onde há uma recompensa, há o risco de o cérebro vulnerável ficar preso a uma compulsão”¹⁴¹.

Consideremos que talvez a grande preocupação quanto a pornografia seja sua exposição prematura. As crianças e as pessoas adolescentes impulsionadas pela curiosidade acabam expostas aos *sites* pornográficos que lhe permitem acesso ao sexo virtual sem qualquer envolvimento emocional, cuja consequência é o

¹³⁷ DOLNY, Miguel. **Hábitos no consumo de pornografia**. Hora Luterana, São Paulo: 2017. Livro eletrônico. Disponível em: <www.omalqueeunaoquero.com.br> Acesso em: 26 mar. 2020.

¹³⁸ DHUFFAR-Pottawal, Manpreet; GRIFFITHS, Mark. **A Systematic Review of Online Sex Addiction and Clinical Treatments Using CONSORT Evaluation**. Current Addiction Reports. Disponível

em:<https://www.researchgate.net/publication/274954233_A_Systematic_Review_of_Online_Sex_Addiction_and_Clinical_Treatments_Using_CONSORT_Evaluation>. Acesso em: 1 out de 2019.

¹³⁹ EBERSTANDT. 2019. p.15

¹⁴⁰ GURFINKEL, Decio. **Adicções: paixão e vício**. Coleção clínica psicanalítica dirigida por Flávio Ferraz, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.p.27.

¹⁴¹ REISMAN, Judith A. The Psychopharmacology of Pornography: A Clear & Present Danger. **Science**. Disponível em: <<http://www.drjudithreisman.com/archives/brain.pdf>> p.23. Acesso em: 21 out. 2019.

conceito distorcido do ato sexual. “O vício se estabelece quando a curiosidade inicial ingênua se transforma em uma dependência física desse tipo degenerado de excitação sexual”¹⁴². De acordo com Susan Knight, na pornografia, a "substância" que provoca a dependência é material sexual explícito e com intuito de satisfazer o vício, a pessoa viciada conta com a Internet, DVDs, usa seu *smartphone* ou olha revistas ou livros.

Segundo o psiquiatra Norman Doidge, os indivíduos que veem pornografia em seus computadores são induzidos a sessões de treinamento pornográfico que atendem a todas as condições necessárias para a neuroplasticidade dos mapas cerebrais. Doidge afirma que cada vez que sentem excitação sexual e tem um orgasmo quando se masturbam, uma 'injeção de dopamina', o neurotransmissor de recompensa, consolida as conexões feitas no cérebro durante as sessões. Todavia o conteúdo erótico, outrora emocionante, muda quando os *sites* introduzem temas e *scripts* que alteram seus cérebros imperceptivelmente.¹⁴³

O resultado desse comportamento é o aumento processual de busca por imagens cada vez mais empolgantes com o objetivo de alcançar os mesmos efeitos. As observações feitas por Doidge levaram a acreditar serem essas as razões pelas quais os homens começaram a achar suas parceiras menos atraentes. O interessante é que quando esses indivíduos envolvidos com a pornografia entenderam o problema ficaram perplexos e uma vez interrompida a visualização pornográfica, voltaram a se sentir atraídos por seus parceiros e parceiras.

De acordo com Judith Reisman, leva cerca de 0,1 segundos para que um símbolo ou imagem pornográfica inunde o cérebro com experiências sensoriais que acionam uma rede de memórias, erroneamente identificadas como “sexuais”, “eróticas” ou “amorosas”. Na realidade, esses estímulos pornográficos, inconscientemente, repetem experiências pornográficas anteriores associadas a experiências sadossexuais. Reisman faz referência ao Dr. Patrick Carnes segundo o qual explicou o vício em sexo como “relacionamento patológico de alteração de

¹⁴² KNIGHT, Susan. **The Five Stages of Pornography Addiction**. Disponível em: <https://www.ivpressonline.com/life/stages-of-pornography-addiction/article_cab7748c-2515-50b0-b8c4-fad6f988aef5.html>. Acesso em: 21 out 2019.

¹⁴³ WILSON, Gary. **Your Brain on Porn Internet Pornography and the Emerging Science of Addiction**. Recurso eletrônico. Copyright Gary Wilson, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/30182310/YOUR_BRAIN_ON_PORN>. Acesso em: 21 out. 2019.p. 18.

humor”. Por definição, toda visualização de pornografia é conduta sexual e, portanto, um comportamento que gera uma “experiência de alteração de humor”¹⁴⁴.

Um estudo nomeado “*The Brain On Porn*”, publicado na revista médica *JAMA Psychiatry*, em maio de 2014, revelou que, mesmo em indivíduos usuários moderados de pornografia, o uso se correlaciona com a redução da massa cinzenta cerebral e diminuição da responsividade sexual. Nesse mesmo ano uma equipe de especialistas em neurociência liderada por um psiquiatra da Universidade de Cambridge revelou que mais da metade dos indivíduos pesquisados eram viciados em pornografia, com relatos de redução da libido e disfunção erétil provocados por uso excessivo de materiais sexualmente explícitos¹⁴⁵.

Aparentemente o vício em pornografia virtual representa uma preocupante alteração no sistema de recompensa cerebral. O prazer saudável é, pois, substituído por uma prática que retira a pessoa do convívio social sadio. Gary Wilson¹⁴⁶ afirma que para as infelizes pessoas usuárias de pornografia que se tornam viciadas, essa é a dura verdade. Os viciados e viciadas em pornografia estão entre os seres mais solitários, isolados e envergonhados, não apenas porque são viciados, mas porque são viciados em algo que é muito difícil de falar com a família, amigos e amigas, e até com profissionais terapêuticos.

3.3 Controle mental ou mente controlada?

Antes da ação o ser humano pensa, reflete, sobre si mesmo e sobre o outro e comporta-se de acordo o condão do seu próprio pensamento. Essa abordagem pretende elaborar uma relação entre grau negativo ou positivo dos pensamentos, as emoções e o comportamento humano e por extensão os comportamentos aditivos.

“Em se tratando da origem dos conflitos humanos, a mente, com seu caráter complexo, possui esconderijos obscuros e prisões emotivas intransponíveis capazes de escravizar indistintamente”¹⁴⁷, gerando indivíduos dependentes químico, psicológico e/ou comportamentais: isolados, frustrados, controlados pelo medo,

¹⁴⁴ REISMAN, Judith A. **The Psychopharmacology of Pictorial Pornography Restructuring Brain, Mind & Memory & Subverting Freedom of Speech**. Recurso Eletrônico. 4ª edição, Julho. 2003. p.19

¹⁴⁵ WILSON, Gary. 2014. Acesso em 21 out 2019. p.19.

¹⁴⁶ WILSON, Gary. 2014. Acesso em 21 out 2019. p.23.

¹⁴⁷ CURY. 2015.p.14

insegurança e violências diversas, com pensamentos negativos, pensamentos suicidas que se originam no mais difícil território para se governar: os pensamentos.

Renato Alves faz uma alusão interessante sobre a mente:

Um circo. Essa é a melhor maneira de explicar a mente do cidadão contemporâneo. Mente agitada, com pensamentos desconexos, desorganizados e viciosos. Ausência total de foco. Um roteiro mental repetitivo que serve apenas para sugar as energias e tem produzido na vida das pessoas mais decepções do que realizações. Um circo caótico no qual o foco, silêncio e criatividade cederam lugar a ansiedade, medo e decepção. E isso não dá certo.¹⁴⁸

Estudos recentes atribuíram o termo *ruminação mental* ao ato, processo ou efeito de ruminar, regurgitar reconsiderar e repetir pensamentos com implicações sentimentais, periodicamente. De acordo com Amin Lascani: “Caracterizado pelas recorrências mnemônicas decorrentes da fixação excessiva em preocupações, emoções, eventos passados, expectativas, perdas, ideias e decisões”.¹⁴⁹

A Bíblia Sagrada diz que como o ser humano se imagina em sua alma, assim ele é. (Provérbios 23.7) Isso remete, pois àquilo que o indivíduo alimenta em sua mente, nisso então se torna. O mundo contemporâneo é tomado pelo estresse, correria e ansiedade; a busca incessante pelo prazer e auto realização, tem tornado seus habitantes doentes psicologicamente. Há um aumento assustador nos índices de ansiedade e estresse, criminalidade, suicídios, depressão e abuso de drogas, principalmente entre jovens, são dezenas de psicopatologias.

Importante mencionar a proposta de definição de inteligência emocional, sob a ótica de Peter Salovey e John Mayor, citados por Daniel Goleman. Os autores descrevem a inteligência emocional partindo de cinco princípios: 1. *Conhecer as próprias emoções ou autoconsciência*: capacidade de controlar sentimentos como fundamento para o discernimento emocional. 2. *Lidar com emoções*: autoconsciência para lidar com sentimentos adequados. 3. *Motivar-se*: Submeter as emoções a serviço de uma meta resultará em automotivação, criatividade e controle. 4: *Reconhecer emoções nos outros*: empatia como capacidade que se desenvolve

¹⁴⁸ ALVES, Renato. **O cérebro como foco e disciplina**. Recurso digital. São Paulo: Editora Gente, 2014. p. 14.

¹⁴⁹ ULAF, Marcos. Compreensão e Reciclagem das Ruminações Mentais. **Conscientia**, 19(4): 435-443, out./dez., 2015. Disponível em: <<http://ceaec.org/index.php/conscientia/article/viewFile/741/720>>. Acesso em 05 nov 2019.

na autoconsciência emocional. 5. *Lidar com relacionamentos*: lidar com a emoção do outro ao relacionar-se.¹⁵⁰

No que diz respeito à capacidade de superar conflitos e lidar com a complexidade da formação dos pensamentos, percebe-se a ineficiência da educação. A sociedade sempre se preocupou, em todos os tempos, com avanços culturais, políticos e tecnológicos, mas não existe academia que ensine como gerir os pensamentos tóxicos. Talvez a família e escola têm falhado quanto à instrução sobre a intolerância a frustrações, diante das emoções impulsivas que adoecem as mentes e esquecido da resiliência como escudo aos traumas e às mentes ansiosas e aceleradas.

Outro agravante é a internet como ferramenta tecnológica intelectual sobreposta aos livros. Segundo Nicholas Carr, a internet é a ferramenta tecnológica com mais poder de influência sobre a mente dos indivíduos, atraindo-os para o ambiente virtual. “Em formatos portáteis ela (internet) tem sido acoplada ao corpo físico natural, exercendo um cada vez maior controle sobre este ao mantê-lo dependente dela e, o mais assombroso: está reconfigurando a própria mente humana”¹⁵¹.

O que se pode verificar na observação do funcionamento psicológico é a indissociação entre as dimensões cognitiva e afetiva. Oliveira¹⁵² explica a teoria de Vigotski que determina a posição básica do lugar do afetivo no ser humano. Segundo Vigotski um dos defeitos da psicologia tradicional é separar os aspectos da inteligência dos aspectos emotivos, pois para ele o pensamento tem origem na esfera de motivação que inclui impulsos, afeto e emoção. Dessa forma só é possível a completa compreensão do pensamento humano quando a base afetiva é também compreendida. La Taille apud Vigotski:

A análise em unidades indica o caminho para a solução desses problemas de importância vital. Demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade a qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das

¹⁵⁰ GOLEMAN, 2011, p. 73

¹⁵¹ LIRA, J. PEREIRA; Mécia K. S. FELL; André F. de A. **Resenha Crítica**: A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22279/navus.2017.v7n2.p124-129.512>>. Acesso em: 26 mar.2020.

¹⁵² OLIVEIRA, Marta Korl de. O problema da afetividade em Vigostky. In: LA TAILLE, **Piaget, Vygotsky, Wallon** – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. 1992. p.76.

necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade.¹⁵³

Em conformidade, na história da evolução humana é dada uma importância tão grande à emoção no psiquismo. “Os sociobiólogos indicam a preeminência do coração sobre a mente”¹⁵⁴, segundo as pessoas especialistas são as emoções humanas que comandam as ações quando, diante de um impasse, as providências que devem ser tomadas são importantes demais para apenas o intelecto decidir.

Joseph LeDoux, neurocientista estadunidense em sua pesquisa sobre os fundamentos biológicos da emoção e da memória, discorre que as emoções nas pessoas ocorrem de forma involuntária e é irrisório o controle que se tem sobre elas, dessa forma elas acabam por invadir a consciência. O autor explica que isso acontece porque há mais conexões dos sistemas emocionais para os sistemas cognitivos do que o inverso, isso talvez seja a explicação porque às vezes as lembranças emocionais invadem a mente sem qualquer controle e não se entende como esses pensamentos surgem. Embora, de acordo com LeDoux ¹⁵⁵, a lembrança de uma experiência emotiva seja forte ela não é necessariamente correta, pois memórias explícitas, apesar das implicações emocionais, não são cópias fiéis das experiências vividas, mas sim reconstruções do momento da lembrança. Acrescenta-se a isso a condição do cérebro no momento em que a lembrança foi formada, que pode influenciar a forma como a memória foi ativada. Em sua obra, LeDoux ressalta que emoções podem tanto ser úteis, influenciando positivamente a atitudes futuras, como podem ser patológicas e exemplifica o medo, que quando gerado, pode levar à ansiedade ou ao prazer que se transforma num vício. Portanto a higiene emocional precede a saúde mental e, frequentemente os problemas mentais são a consequência de uma desorganização emocional.

Apesar de exaustivas pesquisas, as emoções ainda desafiam especialistas psicólogos, cientistas e filósofos. Os fenômenos biológicos como gritar, chorar, rir ou tremer demonstram os sentimentos, todavia não possuem os mesmos significados: pode-se chorar de raiva, tristeza, dor ou extrema alegria. LeDoux defende que a

¹⁵³ LA TAILLE, 1992, p. 77.

¹⁵⁴ GOLEMAN, 2011, p. 32.

¹⁵⁵ LEDOUX, Joseph. **O Cérebro Emocional** – Os misteriosos alicerces da vida emocional [recurso eletrônico], Tradução: Terezinha Batista dos Santos, Objetiva. Rio de Janeiro 2011. p.182

compreensão das emoções¹⁵⁶ é a chave para o tratamento de distúrbios que vão da ansiedade à dependência química.

A adolescência, fase caracterizada por mudanças de ordem física, emocional, comportamental e psicológica recebe aqui uma reflexão peculiar, pois apesar de constituir-se como fase de amadurecimento e crescimentos em todos os âmbitos, é também o período considerado com maior potencial de riscos de conduta. Mariana Verdolin, cita estudos epidemiológicos de Weis desenvolvidos, sobretudo, nos EUA, cujo diagnóstico mais comum nessa população é o de transtornos de ansiedade, seguidos pelos problemas de conduta e pelo Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Percentual esse que aumenta considerando o número de jovens que apresentam problemas psicológicos que impactam negativamente seu funcionamento cotidiano.¹⁵⁷

Atualmente, temas mais preocupantes entre educadores e educadoras tem sido a depressão, a automutilação, o *bullying* e o suicídio entre jovens e adolescentes. Kate Rigo aborda em sua pesquisa um fenômeno inquietante: “A depressão atinge uma quantidade alarmante de adolescentes que, por falta de um direcionamento ou atendimento especializado, recorrem ao comportamento autolesivo ou a ideação suicida para aliviar suas dores e frustrações emocionais”¹⁵⁸. A pesquisa alerta para as publicações diárias acerca da dor, sofrimento e desesperança promovidas por centenas de páginas cujo tema principal é a ideação suicida. Vive-se a era da hipermodernidade, de acordo o filósofo francês Gilles Lipovetsky, a “Era do vazio”. Revela-se diante das pessoas uma mutação histórica:

O universo dos objetos, das imagens e da informação, bem como os valores hedonistas, permissivos e psicológicos que estão ligados a ele, geram, simultaneamente a uma nova forma de controle dos comportamentos, uma diversificação incomparável dos modos de vida, uma flutuação sistemática da esfera privada, das crenças e dos modos de agir [...]¹⁵⁹

¹⁵⁶ LEDOUX, 2011. p.182

¹⁵⁷ FROESELER, Mariana V.G. **Construção e avaliação de propriedades psicométricas iniciais do Inventário de Pensamentos Automáticos Negativos e Positivos para Adolescentes** (IPANPA). Belo Horizonte, 2014, p.19. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n2/v11n2a05.pdf>>. Acesso em 06 nov de 2019.

¹⁵⁸ RIGO, Kate Fabiani, **Vamos começar pelo fim?** a pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/593>>. Acesso em 06 nov de 2019.

¹⁵⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005. p. 15

Lipovetsky descreveu a sociedade como esquizofrênica convivendo distintamente em dois âmbitos: de um lado a hiperfuncionalidade da ciência, que cada vez mais trabalha com critérios mensuráveis, de eficácia e operacionalidade. Paralelo a isso, assiste-se à ascensão de comportamentos disfuncionais, ambos coexistindo juntos. O autor conclui: “Logo, tem-se de um lado uma sociedade em que cada vez mais impera a ordem e, de outro, a desordem no fundo, um quadro de patologia e caos”.¹⁶⁰ A metáfora do vazio para o autor remete à ideia de indivíduos desorientados e perdidos entre tantas referências.

Paira diante de todas as pessoas uma juventude sem a devida orientação, vítimas de abandono emocional familiar e do mundo tecnológico acelerado e voraz; da chamada internet-dependência, cujos comportamentos resultam em indivíduos desmotivados, com isolamento social, com problemas físicos (sobrepeso e tendinites), estresse e ansiedade, distúrbios do sono, pensamentos acelerados, entre tantos males. A juventude de hoje sabe manipular o mundo inteiro através da tela do computador, mas não possui habilidades básicas de convívio social e administração dos próprios pensamentos e emoções.

A proposta do capítulo seguinte é abordar a espiritualidade cristã como mecanismo de proteção para vencer comportamentos aditivos e referência de conduta para jovens e adolescentes vivendo numa sociedade com padrões desconexos de referência familiar, educacional e espiritual. Tentar-se-á desenvolver a concepção do cuidado cristocêntrico, da espiritualidade cristocêntrica, não apenas com intuito de denominar-se pessoa cristã, ou indivíduo frequentador eclesial, mas, sobretudo a vivência de uma espiritualidade cujo alvo seja assemelhar-se a Cristo.

¹⁶⁰ EBERSTANDT, Mary. Os custos sociais da pornografia: oito descobertas que põe fim ao mito do prazer inofensivo. São Paulo. Quadrante, 2019. **Entrevista ao Caderno Mais!** – Folha de São Paulo. Publicada em 14 mar 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200404.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

4 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ COMO MECANISMO PARA VENCER COMPORTAMENTOS ADITIVOS

O capítulo primeiro foi uma investida para estabelecer semelhanças e diferenças entre a espiritualidade e a religiosidade. Doravante será apresentado a concepção de religiosidade saudável, por meio da afiliação religiosa, como indicador de desenvolvimento psicológico positivo, ademais um possível mecanismo de proteção a comportamentos aditivos.

4.1 Fé como mecanismo de ajuda para vencer o comportamento aditivo

A experiência religiosa em geral, bem como a religiosidade com suas diferentes formas de expressão é objeto de estudo da psicologia da religião; ciência moderna e ocidental que observa o que há de psíquico no comportamento religioso do ser humano. Para Geraldo José de Paiva o que distingue o comportamento religioso de outro comportamento é sua específica intencionalidade em direção ao sobrenatural, transcendente, transempírico, divino e com graus ontológicos diversos.¹⁶¹

Por conseguinte, refere-se à inesgotavelmente misteriosa fé qual afirma James Fowler. Consoante o autor:

Creio que a fé é um universal humano. Ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé. A maneira pela qual essas capacidades são ativadas e crescem depende grandemente de como somos recebidos no mundo e do tipo de ambiente que crescemos. A fé é interativa e social, requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação.¹⁶²

Façamos menção da fé como elemento intrínseco da natureza humana, como uma preocupação universal. Não se trata de fé religiosa, pois não está atrelada à religião embora possa tornar-se religiosa. Podemos traduzir como aquele sentido de vida que sobrepõe nossa existência, mas que não necessariamente contenha conotação religiosa.

¹⁶¹ PAIVA, Geraldo José de. **Psicologia da Religião: natureza , história e pesquisa**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, p. 9-31.

¹⁶² FOWLER, James. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1992. p.10

Em contrapartida a religião está mais próxima de escritos, rituais, mitos, símbolos ou crenças comuns a determinado grupo de pessoas. Talvez alguém que esteja em um grupo religioso tenha propensão maior em questionar-se sobre os sentidos que dá à vida do que uma pessoa que não esteja, por extensão também a questionar-se sobre comportamentos autodestrutivos e/ou aditivos. Partindo desse princípio a religião pode ser capaz de despertar ou expressar a fé e por essa característica falar de fé ou espiritualidade apresenta significados bem próximos.

Fowler em sua obra *Os estágios da fé*, propõe um entendimento da fé fora da teologia, fundamentando seu estudo nos estágios do desenvolvimento humano de teóricos como Piaget, Erikson e Kohlberg, e trata da fé a partir da perspectiva do ser humano. Para o autor fé é o que resta no momento em que todos os elementos da vida como relações interpessoais, projetos e sonhos, que preenchem e constitui essência humana, são removidos. O questionamento central para falar de fé, na visão de Fowler é acerca do remanescente quando o ser se torna nu perante todos e tudo torna-se despropositado¹⁶³.

Com base no pensamento de Tillich¹⁶⁴ a fé seria a invasão pelo incondicional quando o ser humano se conscientiza que está inserido dentro de um infinito que não pode ser tomado como propriedade pessoal; a fé então se manifesta na descoberta de que é além do ser finito que é. É a ação de atribuir um caráter divino aquilo que escolhe como sendo de legitimidade irrevogável na sua existência. O personagem da ficção das obras do escritor filósofo J. R. R. Tolkien, Smeagol, é de certa forma, tomado pelo incondicional materializado em seu precioso anel; embora se possa atribuir a isso o conceito de fé falsa, por aprisionar a essência de vida do personagem, uma vez que ele toma como propriedade pessoal aquele infinito. Contudo, Fowler esclarece que a fé é:

Tão fundamental que nenhum de nós pode viver bem por muito tempo sem ela, tão universal que, quando nos movemos abaixo dos símbolos, rituais e padrões éticos que a expressam, a fé é reconhecidamente, o mesmo fenômeno em cristãos, marxistas, hindus e dinkas. A fé é inesgotavelmente misteriosa.¹⁶⁵

¹⁶³ FOWLER, James. 1992. p.9.

¹⁶⁴ FOWLER, James. 1992.p.16

¹⁶⁵ FOWLER, James. 1992, p. 10.

Nesse raciocínio, trata-se da espiritualidade/religiosidade e da fé na mesma essência de compreensão, utilizando o termo *fé subjetiva*¹⁶⁶ para definir o processo de desenvolvimento psico-espiritual inerente a toda pessoa que, quando conduzido sem imposições ou restrições, preenche a alma humana dando sentido à percepção de vida interior e exterior. A expressão dessa espiritualidade está relacionada à execução ou não da religiosidade. Indubitavelmente referimos ao exercício da religiosidade saudável que sugere o desenvolvimento psicológico positivo (valores, pensamentos e ações).

Hans Jürgen Fraas, aborda que as formas patológicas de religiosidade são evidenciadas como distúrbios de relacionamento; distúrbios da relação entre a personalidade e o contexto social e objetivo.¹⁶⁷ Acresce que o autor define algumas premissas que constituem a saúde psíquica em relação a uma religiosidade saudável, tais como ausência de contraste intransponível entre a visão de mundo religiosa e a dominante em geral; a prática de atitude tolerante capaz de suportar a multiplicidade de formas de vida religiosa, bem como atitude religiosa que se confirme na vida cotidiana, dando contribuição para solucionar conflitos reais.¹⁶⁸

Interessante é a existência de motivos que levam o ser humano à busca espiritual com padrões doentios ou saudáveis e a consequência dessas vivências em sua vida. Com base em Paiva, Ayres e França Junior, “[...] quanto mais desenvolvido o sistema de valores religiosos, mais é gerada uma situação que leva os fiéis a atitudes dogmáticas, rígidas e dependentes”¹⁶⁹. Na opinião dos autores a religiosidade pode estar ligada tanto à saúde quanto à doença.

Importante portanto reafirmar as características da religiosidade saudável pautada na espiritualidade como sentido de fé. Segundo Fowler a fé não é sempre religiosa, “[...] a fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados”.¹⁷⁰ Fowler cita Paul Tillich em sua obra, esclarecendo que a fé não contém apenas a

¹⁶⁶ Conceito visto em BETTO Frei. **Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual.** São Paulo, SP: Paralela, 2013. p.18

¹⁶⁷ FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião.** São Leopoldo: Sinodal, 1997. p.130.

¹⁶⁸ FRAAS, Hans-Jürgen. 1997. p.131.

¹⁶⁹ MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-Santos, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In D. D. Dell'Aglío & S. H. Koller (Eds.), **Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção.** São Paulo: Casa do Psicólogo.2011. p. 97.

¹⁷⁰ FOWLER, James. 1992.p. 15.

identificação simplista com religião ou crença, mas sim a reflexão sobre quais valores tem poder centralizador.

Por outro lado, o ser humano é social, se relaciona consigo e com o outro e o intento é dizer em que medida o envolvimento religioso saudável pode servir como suporte de enfrentamento e anteparo para alguém no tocante aos comportamentos aditivos. Luciana Marques apud Kurtz et al, “afirmam que há maior probabilidade de se encontrar bons hábitos de saúde, comportamentos de apoio aos outros e, portanto, bem-estar psicológico, em pessoas que têm uma visão espiritual positiva frente à vida.”¹⁷¹

Estudos recentes comprovam a relevância da filiação religiosa com efeito protetor e modulador da religiosidade ao uso e abuso de álcool, tabaco e drogas ilícitas em adolescentes: “Observou-se que o importante é o adolescente estar filiado a uma religião, uma vez que o benefício na prevenção do uso e abuso de substâncias foi positivo entre aqueles envolvidos com uma religião, independente de qual.”¹⁷² As evidências demonstram vários fatores contribuintes para o afastamento do consumo de drogas e principalmente a diminuição da associação pelos adolescentes com pares desviantes em suas relações sociais.

Uma nova visão de pesquisa tem focado a espiritualidade na dinâmica do desenvolvimento integral humano, sob as áreas cognitiva, social, moral e emocional. Segundo Hill & Pargament¹⁷³, tanto a religiosidade quanto a espiritualidade envolvem as dimensões emocionais, comportamentais, cognitivas, interpessoais e físicas e, portanto, não se constituem processos uniformes.

No estudo das teorias da socialização religiosa, Fraas aborda o entendimento da socialização religiosa como processo de aprendizagem responsável pela construção nos sujeitos da competência interpretativa de si mesmo e da realidade que é específica. Para Fraas a socialização religiosa, “[...] independente de conteúdos cristãos mediados pela tradição, desempenha funções

¹⁷¹ MARQUES, Luciana Fernandes. A saúde e o bem-estar espiritual em adultos portogalezes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 56-65, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2020.

¹⁷² BARBOSA Felipe, Adriana Olimpia, Pimenta Carvalho, Ana Maria, Baptista Andrade, Claudia Umbelina Espiritualidade e religião como protetores ao uso de drogas em adolescente. SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas. 2015, 11(1), 49-58. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80339429008>. Acesso em 13 de fev de 2020.

¹⁷³ MARQUES, L. F.; CERQUEIRA Santos, E.; DELL'AGLIO, D. D. 2011. p.83.

que levam o indivíduo a encontrar sua identidade na sociedade, encontrar sentido e enfrentar a contingência”.¹⁷⁴

A partir dessa compreensão e considerando os pressupostos da construção da espiritualidade como sentido fé (Fowler), a fé subjetiva acrescida à vivência da espiritualidade num determinado grupo ou tradição religiosa, releva-se a espiritualidade cristã que remete à visualização de Deus através da encarnação de Cristo. McGrath apresenta Jesus como a visualização autorizada de Deus, reforçando que colocar o pensamento em Jesus significa olhar através de uma janela para o Deus vivo¹⁷⁵, constituído Cristo, portanto, o modelo de proteção e de cuidado.

4.2 Espiritualidade cristã no desenvolvimento psicossocial

Dito anteriormente, a fé humana não é religiosa, mas pode ser religiosa e o mais saudável é que seja. Por isso, é essencial enfatizar o espaço da vivência da fé, relativizando os grupos religiosos ou as ideias religiosas, principalmente questionando-se sobre a verdade mediada pelas instituições com a finalidade de formação de um ambiente saudável para o exercício da fé humana.

Fraas elabora o pensamento relacionado ao exercício do crer e aprender. Segundo ele o autoquestionamento total ou conversão é a forma mais radical de aprendizado; quando se torna possível essa conversão o ser não se fundamenta mais em sua identidade própria, nem ao menos naquilo que se realizou ou foi, mas em Deus. Para Fraas “[...] a fé é indisponível para o ser humano, ela surge no encontro com Deus”.¹⁷⁶

Vale destacar “[...] a eficácia da religião em promover comportamentos saudáveis e restringir comportamentos nocivos”¹⁷⁷, isso significa que o exercício da religiosidade em determinado grupo pode ser o elemento principal no processo de transformação, além de promover mudanças de determinados comportamentos,

¹⁷⁴ FRAAS, Hans-Jürgen. 199. p.67.

¹⁷⁵ MCGRATH. 2008. p.201

¹⁷⁶ FRAAS, Hans-Jürgen. Crer e Aprender. **Revista Estudos Teológicos**, Nº2. Ano 34 34(2):176-183. Editora Sinodal, 1994. p.180

¹⁷⁷ PAIVA, Geraldo José de. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2006. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epc/v24n1/v24n1a11.pdf> >. p.101.

ressignificando a vida das pessoas. Na adolescência por exemplo, uma fase de vulnerabilidade, em que grandes transformações acontecem e cuja busca por aceitação em grupo é muito forte, é essencial que adolescentes estejam inseridos em comunidades capazes de não apenas protegê-los de comportamentos aditivos como também fortalecer suas identidades, através da fé.

Os resultados de uma pesquisa realizada por Assis, Pesce e Avancini com 1.923 adolescentes em São Gonçalo-RJ, verificaram que:

“[...]o apoio social é fundamental para que um indivíduo se fortaleça diante das dificuldades e desenvolva expressões de resiliência. A figura de Deus também foi mencionada como uma importante fonte de apoio, pois alguns desses adolescentes consideram a religiosidade como a ‘raiz que os sustenta’”¹⁷⁸

Retomando a ideia de aprendizagem pelo autoquestionamento ou conversão de Fraas, William James também revela em seus estudos que a conversão religiosa tem papel preponderante no excitamento das emoções. O autor declara que “[...] é extremamente eficaz para precipitar rearrumações mentais”.¹⁷⁹ Um dos primeiros psicólogos da religião, Stanley Hall que trabalhou com W. James “[...] considerava a adolescência e o desenvolvimento da fé como processos evolutivos afins que acontecem concomitantemente na vida”¹⁸⁰.

A maioria de adolescentes passa por essa fase tendo desenvolvido identidade positiva em relação a si mesmo e no relacionamento com o outro, por estarem inseridos em contextos familiares e religiosos saudáveis, através dos quais encontram aporte de enfrentamento e resiliência frente a conflitos, em outras palavras, encontram respostas que não satisfeitas por outras fontes podem ser encontradas na crença religiosa: “Em estudo com adolescentes brasileiros, Silva e colaboradores encontraram níveis mais altos de bem-estar psicológico entre aqueles que relatavam pertencer a alguma religião.”¹⁸¹ De acordo com Luciana Marques, nesse estudo os níveis mais altos de bem estar psicológico eram encontrados entre

¹⁷⁸ PAULY, Evaldo Luís; DE CAMPOS FLOR ES, Cristine Gabriela. A educação para a espiritualidade e a proteção ao desenvolvimento de comportamentos de risco na adolescência. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 18, n. 4, p. 404-417, fev. 2019. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/13009>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

¹⁷⁹ JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana (O. M. Cajado, Trad.). São Paulo: Cultrix (Obra original publicada em 1902). p.131

¹⁸⁰ MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-Santos, E.; DELL’AGLIO, D. D.2011.p.81

¹⁸¹ L. F.; DELL’AGLIO, D. D. A espiritualidade como fator de proteção na adolescência. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, v. 7, n. 119, p. 1-18, 2009.

jovens que possuíam uma prática religiosa semanal. Marques ainda afirma que igualmente jovens que admitiam acreditar que Deus os ajudava, demonstraram níveis elevados de bem-estar psicológico¹⁸²

Marques, com suporte em Nonnemaker e colaboradores, faz uma importante distinção entre religiosidade pública definida pela frequência de comparecimento a serviços religiosos e frequência de participação em atividades ou grupos religiosos e a religiosidade privada, caracterizada pela frequência da oração e atribuição da importância da religião na própria vida.¹⁸³ Interessante sobressair que somente a religiosidade privada foi significativamente associada com baixa probabilidade de haver tido pensamentos suicidas ou ter provocado suicídio.

Na espiritualidade cristã pode-se dizer que o amor é sua base fundamental: “Carl Jung sugere que o amor e a espiritualidade têm muitas coisas em comum, das quais a mais importante é a entrega total”.¹⁸⁴ O cristianismo é a maior religião mundial cuja base se encontra no amor e na entrega de Cristo. Em vida, demonstrou o amor que acolhe, protege, que se compadece e, na morte, o seu sacrifício vicário que estabeleceu os pilares para a espiritualidade cristã. Outrossim, olhar para a espiritualidade cristã, centrando em Jesus como modelo de amor, constitui religiosidade saudável que pode contribuir para solução de conflitos humanos.

Em conformidade, a inteligência espiritual cristã apoia-se no modelo de sabedoria e amor estabelecidos pelo Jesus humano, como observa-se em seu próprio comportamento. A Bíblia relata sua prática espiritual indissociada da vida comum, caracterizada por uma espiritualidade pessoal e interior, com resultados práticos da influência do próprio Deus nele: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim...” (João:14.10,11), “Eu e o Pai somos um” (João: 10.30). Sua espiritualidade era sua conduta: orando (Lucas:6.12, Lucas:9.28, Mateus:26.36), jejuando (Mateus: 6.17-18), compadecendo-se (Lucas: 19.41-42) e amando até o fim (João: 13.1).

Além dessas atitudes, cujas características podem parecer mais teológicas do que de uma vida prática e comum, a espiritualidade de Jesus demonstrava que

¹⁸² MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-Santos, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In D. D. Dell'Aglio & S. H. Koller (Eds.), **Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo.2011. p. 81.

¹⁸³ L. F.; DELL'AGLIO, D. D. A espiritualidade como fator de proteção na adolescência. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, v. 7, n. 119, p. 1-18, 2009.

¹⁸⁴ BENNER, David G. **A entrega total ao amor** – descobrindo a essência da espiritualidade cristã. Tradução Cláudio Queiroz. Edições Loyola, São Paulo, 2006. p.12.

ele era dotado de inteligência espiritual e emocional como humano e convivendo entre eles, como quando era paciente e humilde (Mateus: 11.29). Jesus possuía entusiasmo, etimologia do grego *in + theos*, literalmente “em Deus”, “Deus dentro dele” (João:14.10,11) e não se deixava abater facilmente. Sabia perdoar e ensinava sobre o perdão (Marcos:11.25), era sereno (Mateus: 6.34), esbanjava altruísmo (Mateus: 7.12), vivia cercado por muitas pessoas (Mateus: 4.25, Lucas: 14.25.), gostava de crianças (Marcos: 10.14) e possuía senso de humor (Lucas:18.25).

Para além disso, a capacidade de lidar com conflitos é a característica da personalidade de Cristo que podemos destacar como modelo comportamental e psicológico. Quando submetidos a eventos conflitantes, os indivíduos podem sofrer efeitos psicológicos diversos: “[...] consequências psicológicas e emocionais ocasionadas pelo estresse envolvem cansaço e confusão mental [...] irritabilidade, agressividade, apatia, queda da autoestima, desgaste, isolamento, falta de energia, depressão e outras psicopatologias”¹⁸⁵. No entanto, Cristo exerceu a inteligência emocional dando respostas racionais e equilibradas, como na ocasião de sua prisão e após ser agredido: “Se eu disse algo de mal, revela o mal. Mas se disse a verdade por que me agrediste?”¹⁸⁶ (João: 18.23).

A Bíblia relata, pois, que a espiritualidade cristã está apoiada na vida e nas atitudes de Jesus como ideal de comportamento resiliente e equilíbrio emocional para o êxito do desenvolvimento da personalidade fortalecida, principalmente contra comportamentos aditivos. A fé cristã é racional (Marcos: 12.30), o envolvimento religioso envolve amar a Deus com todas as forças, com a alma e a mente. O Apóstolo Paulo enfatiza: “Mas nós pensamos como Cristo pensa” (1 Coríntios: 2.16); em sua peculiar afirmação parece haver impossibilidade de possuir a mente de Deus, todavia fica evidente que trata-se da gestão das emoções aliada à inteligência espiritual frente aos conflitos próprios da natureza humana sobre os quais o Mestre destacou-se como humano que foi.

¹⁸⁵ BUSNELLO, Fernanda de Bastani; SCHAEFER, Luiziana Souto; KRISTENSEN, Christian Haag. Eventos estressores e estratégias de coping em adolescentes: implicações na aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) Campinas, v. 13, n. 2, p. 315-323, Dec. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-5572009000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 04 Mar. 2020.

¹⁸⁶ A BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes Editora Ltda. 1 Edição Autorizada: 2012. p. 2051.

Outrossim, a espiritualidade cristã autêntica encontra amparo no conceito de Emmons segundo o qual a inteligência espiritual é a relação da experiência religiosa e o uso adaptativo da informação espiritual como provedora de capacidade que abarca a transcendência humana, o sentido e os comportamentos virtuosos¹⁸⁷, como aporte facilitador da vida humana diária.

¹⁸⁷ MENDES, Mary Jane Shalders Pereira. **O conceito de “inteligência espiritual”**. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19714> Acesso em 06 de Mar 2020. p.13.

5 CONCLUSÃO

Podemos considerar um certo avanço nas questões concernentes ao estudo da espiritualidade como tendência humana pelo transcendente objetivando o significado da vida; essa constatação também é visualizada na contribuição positiva da vivência da fé sendo ela religiosa ou não no desenvolvimento da personalidade e caráter positivos. Embora, historicamente o aspecto espiritual do indivíduo haver sido recusado pela saúde mental, novas pesquisas têm demonstrado o interesse dos profissionais da área em torno do tema, motivando diversos avanços nas áreas médica, psíquica e educacional.

Quanto ao questionamento desse estudo acerca da propensão humana a comportamentos aditivos e compulsivos, percebemos que de fato a adicção é a relação de dependência que o indivíduo estabelece com algo, seja ele um objeto, um pensamento ou ação. A pessoa adicta parece ser desprovida de equilíbrio emocional, psicológico e espiritual e tenta canalizar suas frustrações ou falhas transicionais para o objeto ou comportamento majoritariamente compulsivo. Como evidenciado nos estudos de Winnicott que apontam que as adicções são um tipo de problema que está relacionado com as falhas que ocorreram na fase da transicionalidade do indivíduo, onde a pessoa adulta não é capaz de fazer a diferenciação entre sua realidade interna e a vida externa como realidades separadas, embora inter-relacionadas.

Quanto às hipóteses levantadas para construção dessa pesquisa, é possível afirmar que o registro de frustrações, rejeições, traumas e conflitos na memória são decisivos para desenvolver indivíduos emocionalmente corrompidos, reféns de seus pensamentos e mais propensos aos vícios. Algumas questões ainda ficam sem ser respondidas, por exemplo, como diferenciar sistematicamente a espiritualidade da religiosidade humana, pois ao que parece uma não existe dissociada da outra. As emoções exercem forte influência tanto na mente, quanto na personalidade, na saúde e no relacionamento humano, tornando imprescindível a gestão emocional. A fé e a prática espiritual através do culto religioso dão relevante importância para as pessoas, proporcionando maior proteção aos vícios em geral, além de influenciar no desenvolvimento da inteligência emocional do ser.

Considerando as proposições anteriores, é imperativo que a educação comunitária com foco na infância e juventude atue através de estratégias para promover mais experiências humanas positivas que negativas. Através da promoção de oportunidades, em que a espiritualidade e a vivência religiosa saudável e organizada proporcionem aumento de significado de vida e senso de propósito associados a maior resiliência e identidades fortalecidas.

É urgente falar sobre o tema se considerar quão perigoso tem sido o comportamento da atual geração. Além do consumo de álcool e drogas, jovens têm sido cada vez mais dominados por *smartphones*, redes sociais, jogos, pornografia, consumo, pensamentos suicidas entre outros e mais grave, tem se tornado pessoas isoladas, inseguras e suscetíveis a todo tipo de transtorno de ordem psicológica e emocional.

Tanto a escola como a comunidade religiosa são sistemas educacionais que atuam através de um conjunto de elementos materiais e humanos. Pode-se aprofundar essa visão, e através dos vínculos estabelecidos entre professor(a) e aluno(a), pais/mães e filhos(as), ministro(a) e congregado(a) e assegurar o diálogo tomando por base os principais indicadores: a) Habilidade de lidar com a complexidade da formação dos pensamentos para evitar ser escravo das emoções ou distúrbios na capacidade analítica do indivíduo; b) Consequências da falta de inteligência emocional e a propensão aos variados tipos de vícios (drogas, sexo, jogos, pornografia, consumo, tecnologias, etc); c) Pensamentos negativos podem ser geridos de forma que o indivíduo torne-se emocionalmente saudável e fortalecido contra os hábitos e comportamentos corrompidos; d) Indivíduos viciados, na busca por estímulos cada vez mais intensos, tornam-se inseguros, doentes, traumatizados, carentes e cada vez mais dependentes; e) Percepção de significado da vida entre as pessoas que desenvolvem a espiritualidade e professam a fé e as que não possuem nenhum compromisso espiritual e religioso.

Fica assim evidenciado que a fé exercida através da espiritualidade e religiosidade saudável, somada ao controle das emoções e a inteligência espiritual podem influenciar no desenvolvimento da inteligência emocional do indivíduo, proporcionando proteção contra comportamentos aditivos e de risco.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Português. Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução, Edição e Revisão: Sociedade Bíblica Ibero-Americana e Abba Press Editora no Brasil. Publicação e Distribuição: BV Filmes: 2012.

ABREU, Cristiano Nabuco de; TAVARES, Hermano; CORDÁS, Táki Athanássios. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ALVES, Renato. **O cérebro como foco e disciplina**. Recurso digital. São Paulo: Editora Gente, 2014.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papyrus, 2007.

ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na construção do novo eu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ANTUNES, Roque Rodrigues; SILVA, Ana Paula. Inteligência Espiritual: um bem educativo = Spiritual Intelligence: an educational asset. **Eduser. revista de educação**. - vol. 7, nº 1 . 2005 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/14145> Acesso em: 17 mar. 2020.

BARBOSA, Felipe et al. Espiritualidade e religião como protetores ao uso de drogas em adolescente. **SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental**, Alcohol y Drogas. 2015, 11(1), 49-58. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80339429008> Acesso em: 13 fev. 2020.

BASAGLIA, Aline Esteves. **Adictos a drogas em tratamento: um estudo sobre o funcionamento psíquico de suas mães**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-21072010-100446/pt-br.php> Acesso em: 15 ago. 2019.

BENNER, David G. **A entrega total ao amor** – descobrindo a essência da espiritualidade cristã. Tradução Cláudio Queiroz. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BETTO Frei. **Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual.** São Paulo: Paralela, 2013.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BUSNELLO, Fernanda de Bastani; SCHAEFER, Luiziana Souto; KRISTENSEN, Christian Haag. **Eventos estressores e estratégias de coping em adolescentes: implicações na aprendizagem.** *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) Campinas, v. 13, n. 2, p. 315-323, Dec.2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-5572009000200014&lng=en&nrm=iso Acesso em: 04 mar. 2020.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** Earle E. Cairns; tradução Israel Belo de Azevedo. 2 ed. São Paulo. Vida Nova, 1995.

CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José María. **Espiritualidade da libertação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CURY, Augusto, **Superando o cárcere da emoção.** 3.ed. São Paulo: Planeta, 2015.

DHUFFAR-Pottiwal, Manpreet; GRIFFITHS, Mark. **A Systematic Review of Online Sex Addiction and Clinical Treatments Using CONSORT Evaluation. Current Addiction Reports.** Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274954233_A_Systematic_Review_of_Online_Sex_Addiction_and_Clinical_Treatments_Using_CONSORT_Evaluation Acesso em: 1 out. 2019.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/adictos> Acesso em: 09 ago. 2019.

DOLNY, Miguel. **Hábitos no consumo de pornografia.** Hora Luterana. São Paulo: 2017. Livro eletrônico. Disponível em: www.omalqueeunaquoero.com.br Acesso em: 26 mar. 2020.

DONG Guangheng; HUANG Jie; DU Xiaoxia. Enhanced reward sensitivity and decreased loss sensitivity in Internet addicts: an fMRI study during a guessing task. **Journal of Psychiatric Research**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/51497350_Enhanced_reward_sensitivity_and_decreased_loss_sensitivity_in_Internet_addicts_An_fMRI_study_during_a_guessing_task Acesso em: 27 set. 2019.

EBERSTANDT, Mary. Os custos sociais da pornografia: oito descobertas que põe fim ao mito do prazer inofensivo. São Paulo. Quadrante, 2019.
Entrevista ao Caderno Mais! – Folha de São Paulo. Publicada em 14 mar 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200404.htm> Acesso em: 7 nov. 2019.

FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. **Aconselhamento em dependência química**. 2. ed. São Paulo, SP: Roca, 2010.

FORBES Media LLC. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/davidjagneaux/2019/08/26/world-of-warcraft-classic-attracts-over-1-million-concurrent-twitch-viewers-for-launch-day/#74cf898e2222> Acesso em: 23 set. 2019.

FOWLER, James. **Estágios da fé**: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1992.

FRAAS, Hans-Jurgen. Crer e Aprender. **Revista Estudos Teológicos**, Nº2. Ano 34 34(2):176-183. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1994.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana**: compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FROESELER, Mariana V.G. **Construção e avaliação de propriedades psicométricas iniciais do Inventário de Pensamentos Automáticos Negativos e Positivos para Adolescentes (IPANPA)**. Belo Horizonte, 2014, p.19. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n2/v11n2a05.pdf> Acesso em: 06 nov. 2019.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998

GIGLIOTTI, Analice (ed.) **Dependência, compulsão e impulsividade**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2007.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional** [recurso eletrônico]. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GOTTMAN, J. C., & DeClaire, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Título Original The Heart of Parenting. Tradução: Adalgisa Campos da Silva. 8. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a partir de si mesmo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GURFINKEL, Decio. **Adicções: paixão e vício**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. (Coleção clínica psicanalítica dirigida por Flávio Ferraz)

GURFINKEL, Decio. **A pulsão e seu objeto-droga**: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOCH, Lothar C. Espiritualidade e Personalidade. **Revista Estudos Teológicos**. Edição v.23, n.2, 1983. Disponível em: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1295/1247 Acesso em: 09 abr. 2019.

ITU - International Telecommunication Union. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx> Acesso em: 23 set. 2019.

JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. Tradução O. M. Cajado. São Paulo: Cultrix (Obra original publicada em 1902).

KING, Daniel; DELFABBRO, Paul; GRIFFITHS, Mark. Video Game Structural Characteristics: A New Psychological Taxonomy. **International Journal of Mental Health and Addiction**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/225755858_Video_Game_Structural_Characteristics_A_New_Psychological_Taxonomy Acesso em: 26 mar. 2020.

KIVITZ, Ed René. **No Brasil, futebol é religião**. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/ed-rene-kivitz/no-brasil-futebol-e-religiao.html> Acesso em: 02 ago. 2019.

KIVITZ, Ed René. **Outra espiritualidade: fé, graça e resistência**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

KNIGHT, Susan. **The Five Stages of Pornography Addiction**. Disponível em: https://www.ivpressonline.com/life/stages-of-pornography-addiction/article_cab7748c-2515-50b0-b8c4-fad6f988aef5.html Acesso em: 21 out. 2019.

KUSS, Daria. Internet gaming addiction: Current perspectives. **Psychology research and behavior management**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258768087_Internet_gaming_addiction_Current_perspectives Acesso em: 24 set. 2019.

L. F.; DELL'AGLIO, D. D. A espiritualidade como fator de proteção na adolescência. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo v. 7, n. 119, p. 1-18, 2009.

LEDOUX, Joseph. **O Cérebro Emocional** – Os misteriosos alicerces da vida emocional [recurso eletrônico], Tradução: Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**. Edição revista e ampliada, com nova tradução, dos três livros Broadcast Talks, Christian Behaviour e Beyond Personality. Tradução, Digitalização, revisão e formatação de: Fabrício Valadão Batistoni Disponível em: www.portaldetonando.com.br/forumnovo/ Martins Fontes. São Paulo. 2005. Acesso em: 19 mar. 2019.

LINN, Matthew. **Abuso espiritual & vício religioso**. Campinas, SP: Verus, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.

LIRA, J. PEREIRA; Mécia K. S. FELL; André F. de A. **Resenha Crítica: A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22279/navus.2017.v7n2.p124-129.512> Acesso em: 26 mar.2020

MAGALHÃES, Antônio; PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do sagrado**. Reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2008.

MAGNUS, Ana Paula M. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5 / American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... et al. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-Santos, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. *In*: D. D. Dell'Aglio & S. H. Koller (Eds.), **Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MARQUES, Luciana Fernandes. A saúde e o bem-estar espiritual em adultos porto-alegrenses. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 56-65, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200009&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 26 mar. 2020.

MASSON, J. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

MCGRATH, Alister E. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. Tradução William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2008.

MELO, Cynthia de Freitas, Sampaio, Israel Silva, Souza, Deborah Leite de Abreu, & Pinto, Nilberto dos Santos. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 15(2). Rio de Janeiro. 2015.

MENDES, Mary Jane Shalders Pereira. **O conceito de “inteligência espiritual”**. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19714> Acesso em: 06 mar. 2020.

MONDONI, Danilo. **Teologia da espiritualidade cristã**. São Paulo: Loyola, 2000.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. Espiritualidade e saúde na sociedade do espetáculo. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, 2007: abr/jun 31(2) Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/08_Espiritual_saude.pdf Acesso em: 04 abr. 2019.

MOSCOVICI, Fela. **Razão & Emoção**: a inteligência emocional em questão. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 1997.

MURAD, Afonso. **Gestão e espiritualidade**: uma porta entreaberta. 5. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Marta Korl de. O problema da afetividade em Vigostky. *In*: LA TAILLE, **Piaget, Vygotsky, Wallon** – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. 1992.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA, Geraldo José de. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epc/v24n1/v24n1a11.pdf> Acesso em: 27 mar. 2020.

PAIVA, Geraldo José de. Psicologia da Religião: natureza, história e pesquisa. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018.

PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. **Revista Pistis Praxis**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 587-611, out. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12962/12290> Acesso em: 22 fev. 2019.

PAULY, Evaldo Luís; DE CAMPOS FLORES, Cristine Gabriela. A educação para a espiritualidade e a proteção ao desenvolvimento de comportamentos de risco na adolescência. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 18, n. 4, p. 404-417, fev. 2019. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/13009> Acesso em: 17 fev. 2020.

REBLIN, Iuri Andréas. 'Para o alto e avante!': mito, religiosidade e necessidade de transcendência na construção dos super-heróis. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 7, 2005, p. 32-50. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2126/2037> Acesso em: 26 mar. 2020.

REISMAN, Judith A. **The Psychopharmacology of Pictorial Pornography** Restructuring Brain, Mind & Memory & Subverting Freedom of Speech. Recurso Eletrônico. 4ª edição, julho. 2003.

REISMAN, Judith A. The Psychopharmacology of Pornography: A Clear & Present Danger. **Science**. Disponível em: <http://www.drjudithreisman.com/archives/brain.pdf> Acesso em: 21 out. 2019.

RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo. **O tratamento do usuário de crack**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

RIGO, Kate Fabiani, **Vamos começar pelo fim?** a pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/593> Acesso em 06 nov. 2019.

SANTANA, Denise. **Tear Online**. São Leopoldo, v. 7 n. 7, p. 63-68, jan.-jun. 2018. Disponível em: <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/tear/article/view/3344/3067> Acesso em: 19.mar. 2019.

SAYÃO, Rosely Família: **Modos de usar** [livro eletrônico]. Coleção Papyrus Debates. 130 kb; ePUB. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2012.

SILVA, Leonice M. Kaminski da. Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons. **Revista de Estudos da Religião** Nº 3 / 2001. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_silva.pdf Acesso: 02 fev. 2019.

STROBEL, Lee, **Em defesa de Cristo**: um jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo. Tradução de Antivan Guimarães Mendes, Hans Udo Fuchs. — São Paulo: Editora Vida, 2001. Disponível em: <https://venturebeat.com/2013/05/02/chinas-pc-online-game-market-to-hit-11-9b-in-2013/> Acesso em 23 set. 2019

TAKAHASHI, Dean. China's PC online game market to hit \$11.9B in 2013. Publicado em: 2 mai. 2013. Disponível em: <https://venturebeat.com/2013/05/02/chinas-pc-online-game-market-to-hit-11-9b-in-2013/> Acesso em 23 set 2019.

TAVARES, Hermano. **Jogo Patológico e suas relações com o espectro impulsivo-compulsivo**. 2000. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-16072002-135615/pt-br.php>
Acesso em: 19 ago.2019.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MUELLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. Disponível em:
<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/irmaosmaristas/espiritualidade.pdf> Acesso em 25 mar. 2020.

ULAF, Marcos. Compreensão e Reciclagem das Ruminações Mentais. **Conscientia**, 19(4): 435-443, out./dez., 2015. Disponível em
<http://ceaec.org/index.php/conscientia/article/viewFile/741/720> Acesso em 05 nov 2019.

VAMPRÉ, Humberg Lygia. **Adicção, identificação e relação de dependência patológica para winnicott**. - XX Encuentro latinoamericano sobre el pensamiento de Winnicott “? Por qué Winnicott Hoy?”. 2011. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/274511049_ADICCAO_IDENTIFICACAO_E_RELACAO_DE_DEPENDENCIA_PATOLOGICA_PARA_WINNICOTT_XX_Encuentro_latinoamericano_sobre_el_pensamiento_de_Winnicott_Por_que_Winnicott_Hoy
Acesso em: 16 ago. 2019.

WILSON, Gary. **Your Brain on Porn Internet Pornography and the Emerging Science of Addiction**. Recurso eletrônico. Copyright Gary Wilson, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/30182310/YOUR_BRAIN_ON_PORN Acesso em: 21 out. 2019

YOUNG, K.S. Internet Addiction: The Emergence of a New Clinical Disorder. **Ciber Psychology e Behavior**. Vol.1. Nº3. Disponível em:
<https://www.healthyplace.com/addictions/center-for-internet-addiction-recovery/what-makes-the-internet-addictive-potencial> Acesso em 27 set. 2019

ZIDAN, Paloma Mendes; ROCHA, Raquel Vasques de. Trauma e fragilidade narcísica nas adicções. **Analytica Revista de Psicanálise**. São João del-Rei,v. 3, n. 5, p. 72-100, julho/dezembro de 2014 Disponível em:
<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/544/608> Acesso em 16 ago. 2019.

ZOHAR, Danah & MARSHALL, Ian. **Inteligencia Espiritual**: La inteligência que permite ser creativo, tener valores y fe. Título original: SQ Spiritual Intellígence Espanha. 2001, Plaza & Janes Editores. Inc. de la traducción: Marcelo Covián, 2001.